



PROF **HISTÓRIA**
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



UNIRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

GLÁUBER PEROBELLI COSTA

"GANHAR OU PERDER, MAS SEMPRE COM DEMOCRACIA": a Democracia
Corintiana na Educação de Jovens e Adultos

RIO DE JANEIRO
2024

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

C837 Costa, Gláuber Perobelli
"GANHAR OU PERDER, MAS SEMPRE COM DEMOCRACIA": a Democracia Corinthiana na Educação de Jovens e Adultos / Gláuber Perobelli Costa. -- Rio de Janeiro, 2024.
101 f.

Orientador: Flávio Limoncic.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, 2024.

1. Ensino de História. 2. Democracia Corinthiana. 3. Educação de Jovens e Adultos. I. Limoncic, Flávio, orient. II. Título.

GLÁUBER PEROBELLI COSTA

"GANHAR OU PERDER, MAS SEMPRE COM DEMOCRACIA": a Democracia
Corintiana na Educação de Jovens e Adultos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Mestrado Profissional em História -
Prof. História, área Ensino de História, da
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO, como requisito parcial para a
Obtenção do grau de Mestre em Ensino de
História

Orientador: Profº Drº Flávio Limonic

RIO DE JANEIRO
2024

GLÁUBER PEROBELLI COSTA

"GANHAR OU PERDER, MAS SEMPRE COM DEMOCRACIA": a Democracia
Corintiana na Educação de Jovens e Adultos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Mestrado Profissional em História -
Prof. História, área Ensino de História, da
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO, como requisito parcial para a
Obtenção do grau de Mestre em Ensino de
História

Rio de Janeiro, __ de _____ de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof^a.Dr^a Anita Correia Lima de Almeida
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Prof. Dr. Marcelo Bittencourt Ivar Pinto
Universidade Federal Fluminense - UFF

Dedico esse trabalho à memória de meu pai, José
Celso Gonçalves Costa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador, professor Doutor Flávio Limoncic que, com enorme maestria, guiou-me nos melhores caminhos a serem tomados ao longo deste trabalho. À minha mãe, Helena Maria Perobelli Costa, que nunca mediu esforços para que seus filhos compreendessem a importância do estudo e com dedicação sempre esteve ao meu lado com muito amor, carinho e afeto. Ao meu pai, José Celso Gonçalves Costa, um exemplo de homem, que infelizmente não está mais comigo nessa caminhada, mas certamente está muito feliz pela conclusão de mais uma etapa de um dos seus filhos. Aos meus irmãos, Gláucio Perobelli Costa e Glauco Perobelli Costa, meus melhores amigos e companheiros nessa vida. Aos meus sogros, José Sebastião Marques e Leda Téa Sá Fortes Marques que, ao longo dessa trajetória, foram um grande suporte para mim e para a minha família, sempre me incentivando. E, especialmente, para a minha esposa, Roberta Sá Fortes Marques que, em todo momento, desde o princípio, topou entrar comigo nessa aventura com a nossa Catarina recém-nascida. Sempre me incentivando, ao meu lado nos momentos mais difíceis nessa trajetória. E por último, a minha razão maior de vida: minha filha Catarina Marques Perobelli. Que todo o esforço empenhado nesses anos iniciais de sua vida seja para que, no futuro, todos nós possamos ficar cada vez mais juntos. Muito obrigado a todos.

"Se as pessoas não tiverem o poder de dizer as coisas, eu vou dizer por elas. Quando eu era jogador, minhas pernas amplificavam a minha voz."
(Doutor Sócrates)

RESUMO

O futebol é o esporte mais popular do Brasil com larga vantagem a qualquer outro esporte profissional. Todavia, essa paixão dos brasileiros pelo esporte bretão não é transmitida para o âmbito escolar, nos livros didáticos, e bem recentemente começou a chamar atenção dos cursos de ciência sociais. Esse "sumiço" do futebol no ensino de história é o foco principal do presente trabalho, em que o objetivo é trazer uma proposta pedagógica para a explicação do processo de Redemocratização do Brasil, da década de 1980 ao final da Ditadura Civil-militar, utilizando a Democracia Corinthiana e, sobretudo, seu protagonista, Sócrates, como tema para o disciplina de história. A aplicação do produto final será feita nos anos finais do Ensino Fundamental da modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA. Para a melhor compreensão, haverá um breve recorte sobre a modalidade no Brasil e a importância de trazer conteúdos ligados ao cotidiano dos educandos para poderem ter um melhor aproveitamento do processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino de história, Democracia Corinthiana, Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

Football is the most popular sport in Brazil, far surpassing any other professional sport. However, this Brazilian passion for the British sport is not transmitted to the school environment, in textbooks, and only recently has it begun to attract the attention of social science courses. This "disappearance" of football in history education is the main focus of this work, which aims to bring a pedagogical proposal for the explanation of the process of Redemocratization of Brazil in the 1980s, at the end of the Civil-Military Dictatorship, using the Corinthian Democracy and, especially, its main character, Socrates, as a theme for the history discipline. The application of the final product will be carried out in the final years of Elementary School in the modality of Youth and Adult Education - YAE. For better understanding, there will be a brief overview of the modality in Brazil and the importance of bringing content related to the students' daily lives so that they can have a better understanding of the learning process.

Keywords: History education, Corinthian Democracy, Youth and Adult Education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	—	47
Figura 2	—	49
Figura 3	—	51
Figura 4	—	53
Figura 5	—	55
Figura 6	—	História.doc	57
Figura 7	—	História.doc	58
Figura 8	—	História.doc	59
Figura 9	—	61
Figura 10	—	62
Figura 11	—	63
Figura 12	—	65
Figura 13	—	Moradores jogando futebol na praia do Pouso da Cajaíba, em Paraty (RJ), 2022.	67
Figura 14	—	Página livro do livro de história "Jovem Sapiens"	69
Figura 15	—	Recorte da página 131 do livro PH: 6º Ano	71
Figura 16	—	72
Figura 17	—	Recorte da página 156 do livro PH: 8º ano	73
Figura 18	—	Fragmento da página 237 do livro PH: 8º Ano	74
Figura 19	—	Página completa do livro PH: 9º ano	76
Figura 20	—	Recorte da página do livro três do PH: 9º ano	77
Figura 21	—	Recorte da página 168 do livro três do PH: 9º Ano.	78
Figura 22	—	Recorte da página do livro três do PH: 9º Ano	79
Figura 23	—	Recorte do livro quatro do PH: 9º Ano.	80
Figura 24	—	Páginas do livro da FTD, capítulo 9: Ensino Médio.	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO – AS TENTATIVAS DE APLICAR O FUTEBOL NO ENSINO DE HISTÓRIA	11
2 AUTORITARISMO NO FUTEBOL E A DEMOCRACIA CORINTHIANA	16
2.1 DOS PRIMEIROS ANOS ATÉ A ERA VARGAS	16
2.2 A DITADURA-CIVIL MILITAR	18
2.3 A DEMOCRACIA CORINTHIANA	21
3 UMA PROPOSTA CURRICULAR PARA A EJA	26
3.1 UMA BREVE HISTÓRIA DA EJA	26
3.2 LEGISLAÇÃO PARA A EJA NO BRASIL	32
3.3 CURRÍCULO, ENSINO DE HISTÓRIA E DOCÊNCIA	37
4 O USO DO FUTEBOL NOS LIVROS DIDÁTICOS	43
4.1 UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS	43
4.2 O FUTEBOL NOS LIVROS DIDÁTICOS	45
4.3 OS LIVROS VOLTADOS PARA A EJA	46
4.4 OS LIVROS UTILIZADOS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	56
4.5 O LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO MÉDIO	81
5 PRODUTO FINAL: FUTEBOL, JORNAL E ENSINO DE HISTÓRIA	84
5.1 O TRABALHO COM JORNAIS	85
5.2 ETAPAS DO PRODUTO:	87
6 CONCLUSÃO	90
REFERÊNCIAS	92
GLOSSÁRIO	97
APÊNDICE A — SUBTÍTULO DO APÊNDICE	98
ANEXO A — SUBTÍTULO DO ANEXO	99

1 INTRODUÇÃO – AS TENTATIVAS DE APLICAR O FUTEBOL NO ENSINO DE HISTÓRIA

A relação entre futebol, política e história, vem sendo construída ao longo do final do século XX nos espaços acadêmicos no Brasil. Porém, quando o assunto é levado para a sala de aula, para o espaço escolar, sobretudo na disciplina de história, parece que o futebol ainda é uma barreira.

Ao longo dos meus 12 anos como professor da Educação de Jovens e Adultos (entre 2012 e 2018 como bolsista em um Projeto de Iniciação à Docência na EJA do Colégio de Aplicação João XXIII - UFJF), ministrei um “módulo” (algo próximo aos Itinerários Formativos atualmente) sobre história e futebol. É realmente desafiador trazer os educandos para uma proposta temática diferente do tradicional. Os mais velhos não entendiam o motivo de “estudar o futebol”; já os mais novos achavam que é uma espécie de “aula livre” ou “bate-papo”.

Quando ingressei como professor da rede particular de Juiz de Fora, essas temáticas continuaram a balizar as minhas aulas. A minha ideia sempre foi em trazer a temática esportiva para tentar atrair os alunos para a aplicação da história em seu cotidiano, numa aproximação da metodologia freiriana de educação, em que a realidade do educando tenha sentido no processo de ensino e aprendizagem, levando ao desenvolvimento de um pensamento crítico da sociedade, porém em aulas isoladas ao longo do ano letivo.

Em 2017, minha trajetória se tornou ainda mais desafiadora ao ser aprovado em concurso no município de Bicas, cidade da Zona da Mata de Minas Gerais, que fica a cerca de 220 Km da capital do estado, Belo Horizonte. Como sou natural de Juiz de Fora, cidade que fica a 35 Km de Bicas e tem um porte maior, ao deparar com a realidade dos educandos, percebi uma necessidade ainda maior de aprimorar meus estudos e práticas pedagógicas. Esse espanto é registrado no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do município, em que a nota para o ensino fundamental II é de 4,4 pontos. Novamente procurei práticas ligadas à experiência de vida deles. E, mais uma vez, resgatei, na prática pedagógica, a temática do futebol.

Um ano depois, em 2018, fui designado dentro do município, devido à minha experiência, para atuar na Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Coronel Joaquim José de Souza. A única escola administrada pelo município que conta com ensino fundamental II regular é EJA. O ensino médio regular e EJA fica a

cargo da Escola Estadual Deputado Oliveira Souza, escola em que não atuo. Na EJA, o abismo educacional foi ainda maior. A população biquense possui um alto nível de letramento segundo o IBGE, já que 98,9 da população é alfabetizada¹. Todavia, ao entrar em uma escola de jovens e adultos, a realidade é totalmente diferente. O analfabetismo funcional é uma constante entre os educandos da modalidade, além de problemas sociais e judiciais graves². Ou seja, trabalhar nessa configuração da EJA era algo novo para mim pois, quando eu estava no projeto citado sobre EJA, a situação dos discentes era bem menos crítica. Ainda sobre a questão educacional da EJA no município de Bicas, é importante elucidar os dados do Censo Escolar de 2021, em que a modalidade teve 164 matrículas, contra 81 de 2022³. O motivo da queda não está nos objetivos desse trabalho (apesar de ser um tema de grande relevância para o estudo da EJA no Brasil), mas alguns fatores como a falta de investimento federal desde 2016⁴, somado à pandemia de coronavírus e um histórico do seguimento, é compreensível a queda brusca nas matrículas.

Entre os anos de 2018 e 2020, houve o apoio do livro didático que era cedido pelo município, entretanto, muito desatualizado. O livro intitulado *EJA MODERNA*⁵, da autora Virgínia Aoki, foi elaborado em 2014. Devido aos cortes de verbas na educação nos anos citados, principalmente na modalidade EJA, era inadmissível continuar adotando um livro com tamanha desatualização. Entretanto, o material didático trazia eixos temáticos interessantes para a discussão dentro de sala de aula da EJA que, ainda hoje, utilizo, porém com dados atualizados e repaginados. Como o mundo do trabalho, saúde, construções de identidade nacional, entre outros. Outra característica importante a ser ressaltada é que as disciplinas curriculares tinham os mesmos temas, levando a um processo natural de interdisciplinaridade, prática muito positiva para uma proposta pedagógica em EJA.

Essas inquietações levaram-me a buscar ainda mais conhecimento sobre os temas. Foi então que decidi entrar no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História. Sobre o tema da dissertação, estive focado desde o início em trazer o futebol como uma proposta pedagógica em sala de aula, como será desenvolvido nesta dissertação.

O curioso é pensar que a paixão, a admiração pelo futebol no Brasil, é um fenômeno social que vem desde a década de 1930, ou desde 1919, quando o Brasil ganha o primeiro torneio sul-americano. Essa imagem não foi construída por acaso,

1 IBGE, 2021.

2 A proposta do trabalho não é fazer um levantamento sobre as questões sociais e educacionais dos educandos. Por isso não haverá um maior desdobramento sobre esses dados.

3 INEPDATA, 2023.

4 D'MASCHIO, Ana Luísa; LOPES, Marina. No país de Paulo Freire, EJA tem corte de investimento e pouca visibilidade. Disponível em: .

5 AOKI, Virgínia. *EJA Moderna*. Moderna, 2014.

ela foi criada propositalmente pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas (1930 a 1945) e reutilizada pelos ditadores militares entre 1964 e 1985⁶. Porém, o pontapé inicial do *football* no Brasil vem de tempos ainda mais longínquos. A proposta deste trabalho é conectar esses dois mundos que parecem tão distantes, mas podem ser poderosos se unidos.

A abordagem temática vem sendo cada vez mais comum dentro do Ensino de História. Então, neste trabalho, uma vez que o “olhar diferenciado para as necessidades de aprendizagens dos diferentes públicos em sala de aula” (Capucho, 2016), o futebol terá papel chave ao se conectar em um período delicado da história do Brasil: a Ditadura Militar. O presente trabalho não vai trazer novas considerações sobre o início do futebol ou sobre a Ditadura Civil-militar no Brasil entre os anos de 1964 e 1985, mas sim criar uma proposta de trabalho em que o futebol se encaixe em sala de aula. As pesquisas que contemplam os temas em questão estão muito bem desenvolvidas nas obras que servirão como embasamento deste trabalho. Algumas delas são: “*Como o futebol explica o Brasil*” e “*Médici e o Futebol*” de Marco Guterman; as obras de Lívia Magalhães Gonçalves, como “*Futebol em sala de aula*” e “*Futebol em tempos de Ditadura Civil-militar*”; Hilário Franco Junior a obra “*A Dança dos Deuses*” e Joel Rufino dos Santos, “*História política do futebol*”.

O recorte pensado é o período da Redemocratização (1974 a 1985), porém com foco maior na primeira metade da década de 1980, quando há uma maior atuação da Democracia Corinthiana. Para fazer a fusão entre os temas, a Democracia Corinthiana será o episódio futebolístico responsável pelo elo. A obra de Mariana Zuaneti Martins, “*Democracia Corinthiana*”, e o artigo escrito em conjunto com Heloísa Helena Baldy Reis, intitulado: “*Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana*”, além da obra de José Paulo Florenzano, “*A Democracia Corinthiana, práticas de liberdade no futebol brasileiro*”, serão os alicerces para trazer referências importantes para o produto-final deste trabalho.

Dentro da esfera da educação e da importância em trazer currículos novos para o segmento de jovens e adultos, as obras de Paulo Freire como “*Pedagogia do Oprimido*”, “*Pedagogia da Autonomia*” e “*Educação como prática de Liberdade*”; Vera Capucho, “*Educação de Jovens e Adultos*”; Circe Bittencourt “*Ensino de história*”; são algumas das obras que servem como referencial teórico para concretizar a proposta temática, além das legislações federais sobre educação, nas quais é possível encontrar uma seção só para a EJA. De acordo com o artigo 37 da Seção V, da Lei de Diretrizes Básicas da Educação, “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (Brasil).

⁶ ver “*Como o futebol explica o Brasil*” de Marco Guterman.

A vontade de trazer esse tema para sala de aula está encaixada dentro da minha percepção e experiência sobre educação durante doze anos porque, até o momento, foram poucos materiais didáticos que trouxeram esse assunto como uma proposta para os educandos. O livro de história adotado pela E.M. Cel. Joaquim José de Souza, na modalidade regular, até o ano de 2022, foi a coleção escrita por notórias personalidades da historiografia no Brasil, como Ronaldo Vainfas e Jorge Ferreira⁷. Nela, não há nenhuma proposta para relacionar o futebol com a história ou regimes autoritários. Atualmente, o ensino regular está passando por uma reformulação e uma nova coleção está chegando, porém ainda não foi possível, até a data de elaboração deste trabalho, uma análise do novo conteúdo. O livro, já citado, na EJA, trazia uma página relacionando a Copa do Mundo de Futebol de 1970 com o nacionalismo e a propaganda política proposta pelo regime ditatorial de Médici. Dentro do setor privado de Juiz de Fora, em que atuo desde 2015, poucas vezes também tive contato com a temática futebol. Nos livros atuais, para o Ensino Médio, a coleção da FTD⁸, no capítulo 29, chamado de "O Mundo Dividido", a imagem de abertura faz uma menção ao esporte, em uma foto da cena do filme Rocky IV, protagonizado por Sylvester Stallone e Dolph Lundgren. Porém, nada de futebol, que tem grande popularidade no leste europeu e poderia ser aplicado, sobretudo, para discutir a relação do Estrela Vermelha com o governo do Marechal Tito, da Iugoslávia. No capítulo específico sobre a Ditadura Militar no Brasil, também não consta nenhuma relação entre os temas futebol, política, ditadura e nacionalismo. Até mesmo no âmbito acadêmico, quando é feita uma pesquisa do site nacional da Prof.História, apenas cinco resultados aparecem no banco nacional de dissertações do programa. O ponto mais alto da relação entre futebol e ensino de história foi a presença de uma reflexão sobre a Democracia Corinthiana, assunto principal da proposta pedagógica desse trabalho, encontrada no livro da editora SOMOS do nono ano. Apesar disso, muito pouco para um esporte tão popular no Brasil.

Para o desenvolvimento da dissertação, além do capítulo introdutório, explicando os motivos do trabalho, haverá mais cinco capítulos. No segundo capítulo, "Autoritarismo no futebol e a Democracia Corinthiana" levantarei uma breve revisão bibliográfica sobre os a história do futebol pelo Brasil; no capítulo três "uma Proposta Curricular para a EJA", explico como o futebol pode ser usado como uma poderosa ferramenta para o ensino de história na modalidade; no quarto capítulo, "Uso do Futebol nos Livros Didáticos", busco encontrar as relações entre os esportes, mais especificamente o futebol, nos livros didáticos que utilizo nas três escolas em que leciono; no quinto capítulo, haverá a apresentação de um produto utilizando um personagem central da Democracia Corinthiana, Sócrates, e um

⁷ VAINFAS, R. et al. História.doc: ensino fundamental finais. São Paulo: Ed. Saraiva: 2018.

⁸ FTD Sistema de Ensino: ensino médio: ciências humanas e sociais aplicadas: 3ª série. 2. ed. São Paulo: FTD, 2022.

júri-simulado será a proposta pedagógica para ligar o futebol, a EJA e o ensino de história com nome intitulado O Julgamento de Sócrates Brasileiro: a Democracia Corinthiana em um júri-simulado para a Educação de Jovens e Adultos. Por último, no sexto capítulo, faço algumas considerações finais mostrando a possibilidade de trabalho do produto como um projeto mais abrangente na escola.

2 AUTORITARISMO NO FUTEBOL E A DEMOCRACIA CORINTHIANA

2.1 DOS PRIMEIROS ANOS ATÉ A ERA VARGAS

No século XIX, teria dois nomes de peso que disputam a paternidade do esporte no Brasil. São eles Oscar Cox e Charles Miller. Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente, são a casa dos primeiros torneios que rondam o Brasil nesse período. Claro que outras regiões também têm suas partidas no período, como no Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Bahia, mas atualmente os patriarcas do futebol se mantêm, comumente, com os dois filhos de engenheiros ingleses. O *football* era bem distinto do que vemos nos jogos de hoje. Se hoje há uma grande miscigenação racial e a maioria dos jogadores vem de regiões periféricas em busca da ascensão financeira nos times europeus, o esporte de finais do século XIX e início do século XX eram bem diferentes. Na época, recebia a alcunha de *sport fidalgo* como ressalta o historiador Leonardo Affonso Pereira em *Footballmania*, pois a disputa era apenas para pessoal brancas e com condições financeiras abastadas. Nada tão distante do que acontecia na Inglaterra desse período.

Muller e Cox. Ambos jovens, que apesar dos nomes estrangeiros, eram nascidos no Brasil; filhos de famílias abastadas que buscaram, na Europa, a base de uma educação que não poderiam ter em seu país de origem – trazendo de lá a semente de novas práticas e tradições. Mais que mera coincidência, a semelhança entre suas trajetórias indicia a lógica que caracterizou a consolidação de uma certa memória sobre o jogo – que vê no futebol um esporte que “nasce e desenvolve nas elites”. Ele seria, nesse tipo de visão, u jogo predominantemente das camadas superiores, praticado por “membros de famílias bastadas”. Nas palavras de Mario Filho, primeiro grande cronista esportivo do país, “era uma época que se podia chamar de branca”, não havendo lugar para pretos e pobres” (Pereira, 1999)

Entretanto, o esporte que era jogado pelos trabalhadores ingleses e pelos seus filhos começa a ultrapassar a intermediária social. Operários brancos de baixa renda começavam a desafiar seus patrões e engenheiros ingleses nas partidas durante o horário do almoço ou nos dias folgas. Foi assim em Bangu, no Rio de Janeiro e na Mooca, em São Paulo.

Mas a questão social não seria o único problema no esporte bretão em terras tupiniquins. A questão racial, problema histórico enfrentado ainda hoje, também entrará em campo no futebol. Negros começavam a ganhar notoriedade jogando bola na rua e em campos isolados (Pereira, 1999). Aos poucos começavam a pedir passagem nos principais clubes das capitais do país. Porém, a reação conservadora dos brancos da época impediria os negros de ascenderem ao futebol até a década de 1930.

No Era Vargas, entre os anos de 1930 e 1945 a propaganda política foi usada

para que os ideais de Getúlio Dornelles Vargas fossem alcançados. É nesse momento em que Mário Filho escreve o famoso *O Negro no Futebol Brasileiro*. Seu caráter propagandístico é facilmente notado em suas páginas. Historiadores e sociólogos não abordam a obra como uma fonte historiográfica, mas sim uma fonte para entender a utilização do esporte pelo governo de Vargas (RIBEIRO, 2010). O “mito da democracia racial” presente também em Gilberto Freyre, é a tônica da obra. A ideia é falar a superioridade do jogador brasileiro devido à mistura de “raças”.

O nosso estilo de jogar *foot-ball* me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manhã, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo brilho e espontaneidade individual que exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política (...) tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e sociólogos o mulatismo *flayboyante*, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (Santos, 2012)

Ainda no período em questão, mesmo com as questões contraditórias política e ideológicas, o futebol começa a ganhar espaço na sociedade, popularizando-se aos poucos. Isso se deve ao profissionalismo imposto por Getúlio Vargas logo após o golpe do Estado Novo, em 1937. Para ele, a “brasilidade” (termo nacionalista para integrar a população) era fundamental estar ancorada em um esporte de massa. O discurso de Vargas, replicado no artigo de Maurício Drumond, explicita a relação futebol e política:

Os desportos, sobretudo o futebol, exercem uma função social importante. A paixão desportiva tem poder miraculoso para conciliar até o ânimo dos integralistas com o dos comunistas ou, pelo menos, para amortecer transitoriamente suas incompatibilidades ideológicas. (...) É preciso coordenar e disciplinar essas forças, que avigoram a unidade da consciência nacional. (Drumond, 2008)

A propaganda varguista não para pôr aí em seu envolvimento com o futebol. Os comícios do Dia do Trabalho, 1º de Maio, eram frequentemente feitos em estádios de futebol. Como é caso do estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama, o São Januário. Maior estádio do Rio de Janeiro no período, as celebrações para mostrar a popularidade do governo além do estádio Paulo Machado de Carvalho, o popular Pacaembu, na capital paulista. O objetivo era juntar o máximo de pessoas possíveis e criar uma atmosfera ufanista. Rádio, futebol, carnaval, tudo que envolvia as massas era chave para o governo. Segundo Hilário Franco Júnior:

[...] O mesmo rádio que ouvintes num corpo único de torcedores de determinado time ou no corpo maior da seleção brasileira também procurava criar corpo cívico da nação em comunhão com seu líder máximo. Paixão política e paixão futebolística eram estimuladas de formas

semelhantes. Enquanto bandeiras com as cores dos clubes eram desfraldadas nos estádios, as bandeiras regionais queimadas, e no lugar delas era içada a bandeira nacional. (Franco Junior, 2007)

Todo esse aparato propagandístico no esporte deveria colher frutos. E, para isso, em 1937, Vargas interfere também nas rixas estaduais entre a FPF (Federação Paulista de Futebol) vsa CBD (Confederação Brasileira de Desportos), situada no Rio de Janeiro. Enquanto os paulistas queriam a profissionalização, os cariocas foram mais resistentes. Todavia, na década de 1920 e 1930, Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama já sinalizavam a favor da profissionalização. Sobre o profissionalismo no futebol e com Luís Aranha no comando da CBD (agora entidade máximo do futebol no Brasil), e irmão do ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, o selecionado brasileiro chega à Copa do Mundo de Futebol da FIFA na França com regalias. Era a cereja do bolo que Getúlio precisava. A vitória não veio, porém, um inédito terceiro lugar, perdendo a semifinal para a Itália de Giuseppe Meazza e fortemente amparada pela propaganda fascista de Mussolini. Mas a recepção no Rio de Janeiro foi digna de um time campeão e “uma vitória particular de Getúlio Vargas e o seu o regime autoritário” (Franco Junior, 2007). Além disso, jogadores como Domingos da Guia e Leônidas da Silva encantaram os europeus. Leônidas, o primeiro “*popstar*” do futebol brasileiro.

2.2 A DITADURA-CIVIL MILITAR

O início da década de 1950 iria debruçar novamente sobre o futebol, porém, junto com eles viria novos complexos... o de “vira-lata” segundo Nelson Rodrigues. A Copa de 1950 disputada no Brasil, pela primeira vez, apresentou ao mundo o maior estádio já construído para a prática futebolística, porém com um resultado catastrófico. Uruguai, campeão em solo brasileiro na final para mais de 200 mil pessoas, no episódio conhecido como *Maracanazo*. Todavia, os “Anos-dourados” da “Era JK” trariam também o primeiro título em 1958. Quatro anos mais tarde, o bicampeonato enchia o país de esperança.

Mas a década de 1960 ganhou traços conservadores inspirados pelo contexto da Guerra Fria. Os Estados Unidos da América não iriam tolerar uma “nova Cuba” no continente americano, então, golpes de estados são patrocinados por toda América Latina. O Brasil seria um desses. Em 1964, militares e civis tiram o presidente João Goulart do poder e instauram o regime de exceção que duraria 21 anos.

No cenário esportivo, o futebol terá um papel importante para a proliferação da propaganda política do regime ditatorial. O “Brasil Ame-o ou Deixo-o” é a verbalização do cenário político da época. Ao todo foram cinco Copas do Mundo

comandadas pelos militares. São elas: 1966, 1970, 1974, 1978 e 1982. Uma campanha desastrosa em 1966, o fim do “complexo de vira-lata” em 1970 com o tricampeonato e três seleções encantadoras dentro de campo, que não tiveram êxito na principal competição entre seleções. A velha relação entre autoritarismo e futebol foi colocada em prática já na Copa de 1966. A ideia era impulsionar o sentimento nacionalista para os militares. Para isso, fizeram uma preparação nada convencional. Quatro seleções: verde, amarelo, azul e branco. Os adversários? Times pelo Brasil afora. O sucesso do bicampeonato em 1962 fez com que o povo estivesse otimista e cada vez mais ligado ao futebol. Nada melhor, então, que espalhar símbolos nacionais pelo país. Propaganda, futebol e nacionalismo. O objetivo não foi alcançado em uma campanha pífia do Brasil na Copa da Inglaterra. Pelé machucado, Garrincha longe do seu ideal e Feola muito criticado. Na volta ao Brasil, a CBD “militarizada” quer saber o motivo de tamanho fracasso na competição. Os jogadores foram interrogados e a conclusão foi a que se esperava: uma preparação errada para a Copa.

A derrota e a péssima campanha (a pior do Brasil em Copas do Mundo até hoje) geraram uma crise no futebol nacional. Ao retornar ao país, a seleção foi escoltada pelo Serviço Nacional de Informações (SNI) no desembarque. A derrota foi levada tão a sério pelo regime que foi organizada uma Comissão para investigá-la; tudo seria feito para impedir um novo fracasso. (Magalhães, 2011)

Para a Copa de 1970, um verdadeiro aparato bélico. Não seria tolerável ser derrotado de forma humilhante como em 1966, então, “Havelange sentiu a pressão oficial, e a partir de então a CBD se moldava cada vez mais no estilo militar, o que ficou conhecido como a militarização da CBD e da delegação” (Magalhães, 2011). Estratégia de viagem, isolamento e uma preparação física quase militar. Somados a isso, uma equipe tecnicamente fora do comum. Para especialistas de diferentes gerações, a melhor seleção de todos os tempos.

Mas a preparação para 1970 também teve seus percalços. Para acalmar os ânimos da imprensa esportiva da época, o presidente da CBD, João Havelange, coloca como técnico outro João Saldanha, que contava com uma forte popularidade:

Assumindo o cargo, o novo técnico fez bom uso da geração privilegiada que tinha em mãos e angariou uma série de triunfos, aproximando a seleção do homem comum, dos militares e até mesmo de alguns militantes de esquerda. Uma pesquisa feita no Rio de Janeiro apontava a popularidade de Saldanha: 71%. Os paulistas, estes, sim, dobrados pelo bem-sucedido desempenho do técnico, não ficaram muito atrás: 68%. Mesmo com estes índices, por mais que Saldanha estivesse consolidado no cargo, as tensões políticas cresciam em um país marcado pela repressão do AI-5 (Agostino, 2001)

Comunista de “carteirinha”, pois era filiado ao PCB (Partido Comunista do Brasil) antes de ser posto na ilegalidade, João “Sem Medo” – como era chamado – era um ferrenho crítico do regime autoritário, e sua popularidade como jornalista e técnico de futebol o fez um alvo difícil de ser silenciado pelos militares. No documentário produzido pela ESPN, *Memórias do Chumbo: o futebol no tempo do Condor*⁹, os historiadores Carlos Fico e Carlos Eduardo Barbosa Sarmiento, destacam que o então comandante da amarelinha usava os amistosos internacionais para divulgar a situação do Brasil para a imprensa internacional. Seu atrito com o ditador Emílio Garrastazu Médici era constante. Em resposta a uma crítica feita pelo ditador, por conta da não convocação de Dadá Maravilha, Saldanha respondeu: “Ele escala seus ministérios, eu escalo a minha seleção”.

O regime militar não poderia aturar uma possível vitória comandada por um comunista; então a troca era inevitável. Mario Jorge Lobo Zagallo foi o escolhido para o cargo de treinador da seleção e na comissão técnica, um verdadeiro quartel. A “militarização da CBD” como destaca Livia Magalhães, atinge o seu ápice. Hilário Franco Júnior também destaca essa militarização do futebol:

Assim, a comissão técnica foi militarizada: o chefe da delegação era o brigadeiro Jerônimo de Bastos, a segurança ficou a cargo do major Roberto Guaranyr, a supervisão com o capitão Cláudio Coutinho, a equipe de preparação física, dirigida por Admildo Chirol e Carlos Alberto Parreira, era composta pelos capitães Kleber Camerino e Benedito José Bonetti, a preparação de goleiros entregue ao subtenente Raul Carlesso. (Ibden, 2007)

Com um preparo físico invejável atrelado a um nível técnico sem igual, os “soldados-atletas” levantam o tricampeão como se fossem um tanque de guerra passando por tudo.

A euforia de 1970 leva a criação do Loteria Esportiva, o Campeonato Brasileiro em 1971 e a Copa da Independência de 1972. O futebol vira o principal produto para a propagando ufanista do regime militar. Dentro do panteão de Deuses do futebol, Pelé é o novo Zeus. O Rei do Futebol. Afasta-se da seleção e vai para os EUA fazer parte de um time de lendas. No Brasil, as Copas de 1974, 1978 e 1982 serão tentativas de replicar o método de 1970, porém fracassado. Fora de campo, o “Milagre Econômico” somado à Copa de 1970 colocam o ditador Médici como o mais popular. Enquanto isso, nos porões da ditadura, o mais sangrento. Sem uma resistência bem articular depois das mortes de Carlos Lamarca e Carlos Marighela, os militares foram vitoriosos na década de 1970.

⁹ DE CASTRO, L. Memórias do chumbo: O futebol nos tempos do Condor – Brasil. Documentário ESPN Brasil, 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=cViE1fZ3tzA>. Acesso em: 23 de março. 2024.

2.3 A DEMOCRACIA CORINTHIANA

Na década de 1980, novos atores políticos entram em campo. A ditadura vinha perdendo força sem os empréstimos milionários do FMI e o apoio dos EUA. A URSS se arruinava aos poucos. Era o fim da Guerra Fria. Sem apoio dos estadunidenses, o regime militar começa a enfrentar a oposição das greves no ABC Paulista, Diretas Já! e a pressão internacional pela abertura política. Dentro de campo, a palavra democracia começava ganhar força em um clube especificamente, o Sport Club Corinthians Paulista. Seu protagonista tinha o nome de filósofo: Sócrates.

O Corinthians Paulista foi um clube que surgiu na cidade de São Paulo em 1910. Durante os dois primeiros anos, dedicou-se apenas ao esporte bretão da várzea e apenas em 1913 foi admitido na Liga Paulista de Futebol. De origem popular, apesar de algumas dúvidas sobre esse tema¹⁰, o *team* foi formado em Bom Retiro, bairro predominantemente composto por imigrantes italianos.

Assim como vários outros clubes, o Corinthians não escapou da intervenção política da ditadura de Getúlio Vargas (1930 a 1945), sobretudo no período da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) onde seu presidente foi afastado, e no início da Ditadura Civil-militar de 1964

De volta ao final da década de 1970 e início da década de de1980, dentro das quatro linhas, o Corinthians vivia um momento de infelicidades que culminaria na disputa da Taça de Prata, a segunda divisão do Campeonato Brasileiro naquele período. Uma das explicações atrelam ao cenário do clube fora de campo, já que o então presidente, Vicente Matheus, que já estava na política corinthiana desde a década de 1950, e assim como no contexto federal, não estava interessado em largar o poder. Para isso, lança uma chapa onde Waldemar Pires, seu aliado político, seria o novo presidente e Vicente Matheus o vice. A chapa se consagra vencedora, porém a harmonia entre os integrantes da chapa não durou muito. Menos de seis meses depois os dois romperam:

Em Julho de 1981, Vicente Matheus decidiu se afastar da vice-presidência, em função de mais algumas decisões e negócios que Waldemar Pires e Orlando Monteiro Alves, o vice-presidente de futebol, decidiam sem lhe comunicar ou deixá-lo intervir (O ESTADO DE SÃO PAULO, 10/07/1981, p.19). Seu afastamento inicialmente estava previsto para durar seis meses. Mas, em setembro de 1981, Matheus entregou sua carta de demissão ao então presidente do Conselho Deliberativo, Mário Campos, elemento fiel de seu agrupamento político dentro do clube. (Martins; Reis, 2014)

No mesmo ano, a chegada de Adilson Monteiro Alves era anunciada como

¹⁰ A dissertação de Negreiros de 1992, intitulada “Resistência e Rendição - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916”. O autor faz reflexões sobre a origem popular ou elitista do Corinthians.

diretor de futebol. O filho do vice-presidente de futebol, Orlando Monteiro Alves, Adilson era formado em sociologia pela Universidade de São Paulo e tinha apenas 37 anos, todavia o que mais chamava atenção era sua total inexperiência como gestor de um clube de futebol. Adilson viria também com ideias, até então, inimagináveis para a gestão esportiva em um período ditatorial, pois, apesar do lema de Geisel sobre uma “abertura lenta, gradual e segura”, na prática a ditadura continuava a fazer censura, atentados e prisões. No Corinthians, Adilson que falava em uma gestão que daria ouvidos os jogadores (Martins; Reis, 2014).

Essa gestão democrática seria vista como uma atitude, inicialmente, de contestação do autoritarismo dentro do futebol. As reivindicações estavam no âmbito das liberdades individuais dos jogadores, em assuntos como a concentração antes dos jogos, o direito ao passe, aumento salarial, contratações de jogadores e técnicos. Porém, a mudança do cenário político nacional fez com que o movimento se expandisse para fora do campo, alcançando os palanques das “Diretas Já!”. O cenário político na década de 1980 exigia mudanças uma vez que a ditadura mostrava sua falência. A anistia trazia velhos adversários políticos e no ABC Paulista as ondas de greve pressionava o governo e unia os trabalhadores. O movimento sindical tinha seu braço dentro do Corinthians: Wladimir. Líder do Sindicato dos Atletas Profissionais entre os anos de 1979 e 1984, o lateral esquerdo tinha a visão de que o jogador de futebol era membro da classe operária e assim defendia melhores condições. Junto a ele estavam nomes importantes como Zenon, Juninho, Zé Maria, Casagrande e, talvez, o principal nome do futebol no período: Sócrates Brasileiro. Com nome ligado ao pensador grego mundialmente conhecido, e com a reafirmação de sua nacionalidade, o meio-campista chegou ao Corinthians em 1978, onde ficaria até 1984, e marcou uma época. Transformou o Corinthians dentro e fora de campo, sendo um dos principais articuladores da Democracia Corinthiana.

Sócrates foi formado em medicina e mesmo assim não deixou de lado a sua paixão pelo futebol. Isso lhe deu a alcunha de Doutor Sócrates. Como jogador, ele foi responsável por inúmeros títulos pelo Corinthians e por compor a brilhante seleção brasileira de 1982, na Copa do Mundo da Espanha, e na Copa do Mundo de 1986, no México. Apesar de uma carreira relativamente vitoriosa, o “Magrão” (como também era chamado pelos companheiros), se caracterizou pelo seu lado político dentro do clube e no movimento de redemocratização.

Esse processo lento é encarado devido ao êxito dos militares ao combaterem as resistências armadas de esquerda. Como já citado, com as mortes dos principais líderes da esquerda, Carlos Lamarca e Marighella, a única alternativa de luta era pela via legal, ou seja, tentar enfrentar a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), partido dos militares, no congresso nacional. Assim, o MDB (Movimento Democrático

Brasileiro), mesmo amargando derrotas nas eleições de 1974, com uma frustrada tentativa de Ulisses Guimarães de subir ao poder, as eleições parlamentares mostraram um pequeno avanço da oposição. Para Carlos Fico, a tese de uma “fachada democrática” deve ser revista, pois, realmente foi através dos avanços nas eleições posteriores a 1974 que o MDB começava ganhar palanque e assim, uma oposição surgiria de dentro do governo.

O MDB, a partir de então, se tornaria importante no processo de resistência democrática à ditadura militar. Geisel sentiu o baque das eleições de novembro de 1974 e procurou evitar novas derrotas, mas a Arena, doravante, viveria um período de clara decadência. Portanto, embora seja acertado considerar o rodízio de generais presidentes e a manutenção das eleições parlamentares como uma fachada democrática, isto é, como uma tentativa de o regime transparecer normalidade que de fato não havia, devemos ter em mente que essas circunstâncias compunham uma conjuntura política que foi essencial: só é possível entender o modo como o regime militar acabou se considerarmos o processo parlamentar de soerguimento do MDB e de resistência democrática. Desse modo, a tese da “fachada democrática” deve ser matizada. (Fico, 2014).

É justamente nessa crescente situação de contestação do regime autoritário de dentro para fora, que a Democracia Corinthiana pode ser vista como um processo, até certo ponto, bem similar com a política brasileira da época. Isso, porque também foi um movimento que surgiu das próprias entranhas do clube.

A gênese da expressão “Democracia Corinthiana” se dá a uma conversa entre o jornalista Juca Kfourie e o marqueteiro Washington Olivetto e foi usada para nomear a chapa encabeçada por Waldemar Pires e Adílio Monteiro Alves. Os resultados em campo alimentaram a euforia fora dele. Direitos inimagináveis na época começavam a ser conseguidos pelo elenco, a democracia se tornaria parte do cotidiano como destacado na fala de Sócrates: “Tudo era discutido. Nós nos reuníamos no vestiário ou no campo e decidíamos. A partir de então, nós começamos a exercer isso semanalmente. Falávamos sobre uma série de coisas, inclusive horários de treino. Discutir e votar era quase um vício” (Dias; Cucioli Da Silva Farina, 2016, p. 14). Entre os assuntos discutidos estavam a questão crucial para o período, o passe. O futebol brasileiro na época, o jogador era refém do clube por questões contratuais que defendiam mais os clubes do que o jogador. A fala de Wladimir deixa evidente como era a situação do jogador:

Nós temos uma parceria com a escola, a forma E a gente tinha uma situação que nos incomodava muito que era a questão do vínculo com o clube. Naquela época era uma lei escravagista. Nós não tínhamos liberdade de ir e vir. Terminava meu contrato, eu ficava negociando com o clube. Se eu ficasse seis meses negociando com o clube, eu ficava seis meses sem jogar e sem receber. E ficava aquela briga de você pede tanto, o clube oferece tanto. E tinham vários jogadores que ficavam sem jogar e sem

receber por conta dessa situação. Porque era uma lei escravagista. O contrato de gaveta fazia com que eles [os clubes] tivessem poder sobre nossa vida (Martins; Reis, 2014)

O exemplo mais claro foi do jogador Afonsinho que teve de ficar sem jogar por sua aparência “rebelde” no Botafogo do então técnico Zagallo, até conseguir que seu passe na justiça em 1971¹¹. Sócrates seguiu um caminho semelhante ao travar as negociações da renovação de seu contrato até ser desvalorizado e ter condições financeiras de comprar o próprio passe. Nesse sentido, Martins e Reis destacam que a Democracia Corinthiana pode, e deve, ser vista como um movimento que visa os direitos civis e a cidadania, segundo os conceitos de T.H. Marshall, em busca da propriedade, justiça e liberdade¹². São nesses conceitos que o evento da Democracia Corinthiana vai se casar com a Redemocratização do Brasil. Ao analisar o evento das “Diretas-já!”, o povo clamava por mais direitos civis que, na análise de Marshall, no Brasil, está muito ligado na obtenção do direito ao voto. Então a cidadania é canalizada na participação política efetiva. É nesse encontro entre os dois eventos que esse trabalho se sustenta.

A “Diretas-já!” foi um dos maiores movimentos populares já visto na história do Brasil, e ele tem seu catalizador quando o jovem deputado do MDB, Dante de Oliveria, lê o projeto de emenda Constitucional para que em 1985 as eleições presidenciais fossem feitas pelo voto direto. A pressão ao governo militar já era grande com importantes vitórias do MDB nas eleições para governadores em 1982. No Corinthians, esses anseios foram manifestados com a adoção do escrito, inicialmente “Democracia Corinthiana” e depois na convocação para o povo votar no dia 15 de novembro: “Dia 15 Vote”. O segundo episódio, segundo entrevista do Adilson Monteiro Alves, no documentário da ESPN e da TvZero de 2014, intitulado “Democracia em Preto e Branco”, diz ter sido alvo da censura ainda presente no período. Ele recebeu a ligação de indivíduos da SNI (Serviço Nacional de Informação) perguntando o motivo da referida atitude. O Corinthians foi obrigado a retirar o chamamento a eleição de 1982¹³.

Quando eu fui convidado para ser diretor de futebol, eu fui com minha experiência política e disse aos jogadores que não era só futebol, que nós estávamos vivendo uma ditadura e tínhamos que participar disso, que eles eram pessoas públicas e o que diziam era ouvido. Aos poucos eles foram entendendo e em 1982 nós participamos da primeira eleição direta para governador e escrevemos na camisa “Dia 15 vote” (Agência..., 2024).

Foram nas passeatas pela “Diretas-já!” que a relação entre os dois movimentos se mostrou ainda mais evidente, aliás, não apenas do Corinthians, do

11 FLORENZANDO in op. cit.

12 Op.cit.

13 ASBEG, Pedro. Democracia em Preto e Branco. São Paulo: ESPN Brasil, 2014.

futebol como o movimento. A voz do comício no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, além de contar com personalidades importantes da política, contou com Osmar Santos, radialista, Casagrande, Wladimir e Sócrates. O Doutor fez o juramento avisando que se não houvesse eleições diretas em 1985, ele sairia do Brasil. O ano de 1985 lembra um time que perde o jogo aos 45 minutos do segundo tempo. A proposta do deputado Dante Oliveira não é aprovada, as eleições ainda são indiretas e o país continua na tônica da abertura política “lenta, gradual e segura”. No Corinthians, é o fim da “era da Democracia Corinthiana”.

3 UMA PROPOSTA CURRICULAR PARA A EJA

3.1 UMA BREVE HISTÓRIA DA EJA

A Educação de Jovens e Adultos é um assunto tão antigo quanto o Brasil. Durante o período colonial, falar de educação é falar sobre catequizações dos povos originários, ou seja, é praticamente uma educação católica e voltada especificamente para a cristianização da população e não com interesses de políticas públicas e sociais. Mesmo assim, esse pífio sistema de educação, entra em colapso com as reformas pombalinas do século XVIII (Paiva, 1987).

A independência traria uma necessidade de educar a população, entretanto, por mais que houvesse algumas citações sobre uma educação popular, a educação brasileira seria voltada para a elite. Mesmo a constituição de 1824 trazendo alguns conceitos liberais sobre educação, ela será muito restrita:

A primeira Constituição Brasileira, de 1824, garantia uma “instrução primária e gratuita para todos os cidadãos.” Fato que não ocorreu por vários motivos: primeiro, porque só possuía cidadania uma pequena parcela da população, aquela das elites econômicas; em segundo lugar, porque coube a responsabilidade de oferta da educação básica às Províncias que, com poucos recursos, não podiam cumprir a lei, permanecendo sob responsabilidade do governo imperial a educação das elites. Percebemos que o ensino se dava de forma desigual para diferentes grupos e em diferentes tempos. (Scortegagna; Oliveira, 2006)

A educação no período monárquico pode ser vista como um fiasco, sendo atrelada apenas a elite, uma vez que os problemas políticos decorrentes dos inúmeros conflitos, deixou a educação de lado. Mesmo com alguns ideais liberais presentes na constituição, e com criação de escolas noturnas, a falta de interesse político na elite econômica brasileira para a educação ficava escancarada, apesar de algumas propostas e o parecer de Rui Barbosa, ambos na década de 1880 (Paiva, 1987), pois para o trabalho rural, não era necessário grande nível de instrução; isso sem contar a presença do trabalho escravo no país até 1888, o que afastou, durante décadas, a população afrodescendente da educação.

Influenciados pela filosofia positivista, parte da elite agrária do Brasil, junto com as Forças Armadas e a classe média urbana, derrubam a monarquia no ano de 1889, com a promessa que levaria inclusão social para a população. Entretanto, o que se viu foram políticas educacionais sem grandes êxitos. Agora, a educação seria o elemento “redentor” da sociedade, a ideia seria acabar com o analfabetismo, com uma leve oferta de escolas para a educação básica e surgiram as “ligas alfabetizadoras” (Friedrich *et al.*, 2010). Porém, os mesmos critérios da educação previstas no Ato Adicional de 1834 continuariam. Segundo Paiva, o artigo 35 do

capítulo IV da Constituição de 1891 falava:

Animar, no país, o desenvolvimento das letras, artes e ciências... sem privilégios que tolham a ação dos governos locais”, “criar instituições de ensino superior e secundário nos Estados e prover a instrução secundária no Distrito Federal”. O termo “educação pública” era substituído por “letras, artes e ciências” e sua interpretação se fez num sentido beletrista: cabia à União promover a difusão das “belas letras” (a poesia, a história, a filosofia), sem poder auxiliar os estados no desenvolvimento da instrução popular. (Paiva, 1987)

De modo geral, todavia, faria com que os primeiros anos da República fossem muito próximos aos anos dos Império. Isso se deve ao mesmo grupo político no poder: os fazendeiros. Após afastarem os militares do poder, os “barões do café” conseguem tomar a presidência ainda no final do século XIX com Campos Sales. A Política dos Governadores e o federalismo, aumentam o controle das elites agrárias por todos o país. Assim, movimentos de educação popular são pautas de alguns políticos isolados, já que não era interesse das elites agrárias e urbanas uma população amplamente instruída.

Os movimentos nacionalistas somados ao crescimento da industrialização do Brasil no pós-Primeira Guerra Mundial, fariam da década de 1930, com a Era Vargas, um divisor de águas para a educação no Brasil, principalmente para a educação de adultos. É nesse período em que a educação de adultos terá um maior peso se comparado com outros momentos da história do Brasil, até então, segundo Paiva:

As reformas da década de 20 tratam da educação dos adultos ao mesmo tempo em que cuidam da renovação dos sistemas de um modo geral. Somente na reforma de 28 do Distrito Federal ela recebe mais ênfase, renovando-se o ensino dos adultos na primeira metade dos anos 30 (Paiva, 1987)

O caráter centralizador da Era Vargas vai combater as políticas descentralizadoras na educação que vinham desde o Ato Adicional de 1834, ainda no período da monarquia. Em 1938, a criação do INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) e mais tarde, em 1942 o Fundo Nacional do Ensino Primário junto com o Ensino Supletivo para adultos e adolescentes (Scortegagna; Oliveira, 2006)

Também na década de 40 foi regulamentado o Fundo Nacional de Ensino Primário (FNEP), criado pelo professor Anísio Teixeira. Esse fundo tinha como objetivo garantir recursos permanentes para o ensino primário. Anísio Teixeira se preocupava com a desigualdade econômica e cultural reinante entre os municípios, o que ocasionava a formação desigual dos alunos. Para que essa desigualdade fosse amenizada propôs a criação de um “custo padrão”, com o objetivo de redistribuir entre municípios de um estado

da federação os recursos já existentes para a educação fundamental, a partir da prefixação de um custo médio anual, nacional, do aluno financiado pelos três poderes públicos: União, Estados e Municípios (AMARAL, 2001). A criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), organismo responsável pelo incentivo e realização de estudos na área da educação data dessa década. Outro marco desta trajetória foi a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) na qual se começou a pensar o material didático para a educação de adultos. Este foi seguido por outros fatores da estruturação da EJA tais como: a realização do 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos⁴ em 1947 e do Seminário Interamericano de Educação de Adultos, em 1949. (Friedrich *et al.*, 2010)

É visível que a educação estava dentro de um espectro da política nacionalista de Getúlio Vargas que, atrelados a uma prática de industrialização e de direitos trabalhistas, o objetivo era trazer essa massa para o lado do ditador, e instruir, minimamente, a população para o trabalho nas fábricas. Esse último objetivo, inclusive, é a explicação para a criação dos “Sistemas ‘S’” composto pelo SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), o SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e o SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural). Todos eles com a finalidade de instruir essa massa para o trabalho nos diversos campos econômicos da sociedade e mostrava uma parceria público-privada nessa educação profissional.

Vincula-se neste momento a educação de adultos à educação profissional (GADOTTI; ROMÃO, 2006). Nessa fase da história, a educação é considerada como fator de segurança nacional tendo em vista o alto índice de analfabetismo: aproximadamente 50% da população em 1945. Nesse período a estagnação econômica, foi relacionada à falta de educação escolar do seu povo. (Friedrich *et al.*, 2010)

Com a saída de Vargas, um novo movimento de otimismo da democracia e de ideias liberais vai pairar sobre a educação brasileira. A educação de adultos será o pilar da discussão em um Brasil de maioria analfabeta ainda. Começam a surgir as Universidades Populares e os Centros de Cultura Popular, além das ações dos Comitês Democráticos ligados ao recém legalizado Partido Comunista (Paiva, 1987). É criado o CEAA (Campanha de Educação do Adolescente e Adultos) com objetivo de atender tanto os trabalhadores urbanos como os rurais. A ideia era um projeto de integração nacional através da educação, e segundo Paiva, uma espécie de “segunda abolição” (Paiva, 1987) Apesar de já estar situação no período de democratização pós-Era Vargas, em 1947, ela tinha como base ideológica os pensadores do período varguista. Essa relação é visível pela proximidade que o então presidente da república, o General Dutra, tinha com o ex-presidente, Getúlio Vargas. Ela pode ser considerada o primeiro projeto de política pública voltada para a educação de jovens e adultos do país. Segundo as palavras do idealizador, Lourenço Filho (presente na Era Vargas também):

devemos educar os adultos, antes de tudo, para que esse marginalismo desapareça e o país possa ser o mais coeso e mais solidário, devemos educá-los para cada homem ou mulher melhor possa ajustar-se à vida social e às preocupações de bem-estar e progresso social. E devemos educá-los porque essa é a obra de defesa nacional, porque ocorrerá para que todos melhor saibam defender a saúde, trabalhar mais eficientemente, viver melhor em seu próprio lar e na sociedade em geral. (FILHO apud PAIVA, 1973, p.179)

É nítido que a fala de Lourenço Filho é ainda baseada no espírito varguista de defesa e unidade nacional. Ou seja, o objetivo da CNEAA era muito mais político do que propriamente educacional, pois era necessário afastar o poder das oligarquias regionais que estavam fora do poder durante os 15 anos ditadura de Vargas e de fato eles conseguem essa maior “autonomia” dos eleitores rurais. Do ponto de vista educacional, apesar de não resolver o problema do analfabetismo, a abrangência nacional do programa, junto com a prática da elaboração de um material didático para os estuantes, trouxe um caráter de novidade para a EJA no Brasil.

Durante a “Era JK” até o Golpe Civil-militar de 1964, houve uma esperança para a educação popular e de jovens e adultos. O Plano de Metas, anunciado pelo então presidente da república, Juscelino Kubitschek de Oliveira, traria a necessidade da alfabetização da população adulta. A educação era vista como ponto de partida para o progresso, para a industrialização e para a consolidação do voto. O caráter explícito desde 1870, com a Lei Saraiva, que colocava o voto restrito para os alfabetizados passou a ser uma pedra no sapato dos políticos. Sem instrução, sem voto. Segundo Paiva, 50% da população ainda era analfabeta na década de 1950, e dos 50% alfabetizados, 75% não tinha mais que o “ensino primário” (PAIVA, 1973, - p.211), ou seja, ainda era um déficit educacional gigantesco. Para combater a situação, foi colocada em prática a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA) começa a mudar a visão sobre o analfabeto que deveria mais ser visto como um objeto “sem cultura” e sim o protagonista do próprio sistema. Porém o CNEA ainda teve seus entraves por apostar em uma política de massas.

É nos experimentos, na realidade de Pernambuco, que Paulo Freire surge no final da década de 1950 com o “método Paulo Freire” de alfabetização. Canalizando experiências dos pensadores cristãos franceses junto com o Movimento de Cultura Popular, Paulo Freire desenvolveria uma proposta de alfabetização através da realidade do estudante, buscando a sua liberdade, sua autonomia. A “acomodação e a massificação eram substituídas pela liberdade e pela crítica na luta do homem pela sua humanização” (Paiva, 1987). Segundo Paulo Freire, a população não queria mais uma sociedade “fechada” e procurava uma sociedade “aberta”, democrática, daí a participação crítica do mundo em que eles estavam inseridos. Segundo Freire, essa passagem do estudante de objeto para a gente deveria ser:

Haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação que propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. (FREIRE apud PAIVA, 1973, p.252)

Essa proposta de uma educação libertadora viria para mudar a visão, segundo Freire, “mágica” do mundo para uma visão da “realidade”, pois só assim seria possível o pensamento crítico. Seus métodos consistiam em um profundo conhecimento da realidade daquela sociedade para então se discutir a partir dali a visão “consciente” de mundo e depois começar a alfabetização a partir de palavras escolhidas por eles.

“O paradigma pedagógico que então se gestava preconizava com centralidade o diálogo como princípio educativo e a assunção por parte dos educandos adultos, de seu papel de sujeitos de aprendizagem, de produção de cultura e de transformação do mundo” (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p. 60, apud FRIEDRICH, M. et al., 2010, p. 397)

Os resultados são fantásticos para a época e rapidamente o método Paulo Freire se espalha pelo Nordeste, Brasília e São Paulo. Todavia, problemas políticos acabam freando a continuidade do projeto. Segundo Paiva, o Programa Nacional de Alfabetização, lançado em 1962 tendo como base o “método Paulo Freire”, parecia mais um programa para educação ao voto, uma vez que as elites tinham pressa em alfabetizar em massa a população para a obtenção de um maior número de eleitores (PAIVA, 1973, p.258). Mas vale ressaltar os feitos da prática adotada, apesar de que, novamente por problemas políticos, a proposta foi interrompida com o golpe militar. Agora não era mais necessário a educação da população para o voto, uma vez que os militares tomaram o controle da política e as eleições soariam mais como uma “fachada democrática”.

Todavia, os congressos da UNESCO, feitos desde a década de 1940 após a Segunda Guerra Mundial, colocavam a necessidade de que o analfabetismo fosse erradicado nos países, principalmente aqueles taxados como “países de Terceiro Mundo”. Esse era o caso do Brasil, que para os olhos internacionais, deveria mostrar crescente índices de no combate ao analfabetismo, mas não seria interessante um método em que se falava sobre a “libertação do indivíduo” proposta por Paulo Freire. Assim, surge a Cruzada da ABC (Ação Básica Cristã) e o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), ambos com a preocupação em manter a população controlada pelo Estado militarizado da ditadura.

No ano de 1965, em oposição às ideias de Paulo Freire, surgiu em Recife a

Cruzada Ação Básica Cristã (ABC), de caráter conservador e semioficial (HADDAD; DI PIERRO, 2000). Em 1967, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e a Cruzada ABC, constituíram-se em movimentos concebidos com o fim básico de controle político da população, através da centralização das ações e orientações, supervisão pedagógica e produção de materiais didáticos (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001 apud FRIEDRICH, M. et al., 2010, p. 397).

O desenvolvimento dos projetos educacionais durante a ditadura militar foi um fracasso e andou na contramão do que vinha sendo proposto pelo final da década de 1950 e início de 1960. O objetivo de formar uma classe operária minimamente instruída estava ligada ao desenrolar do “milagre econômico” de 1970. O Ensino Supletivo foi a última cartada dos militares antes da redemocratização em 1985, segundo Haddad e Di Pierro: “[...] o Ensino Supletivo se propunha a recuperar o atraso, reciclar o presente, formando uma mão-de-obra que contribuísse no esforço para o desenvolvimento nacional, através de um novo modelo de escola” (FRIEDRICH, M. et al., 2010, p. 398).

A redemocratização renomeou o MOBRAL para Fundação EDUCAR que povo se diferenciou das práticas propostas pelo sistema anterior. O cenário de incertezas e a alta inflação tardou a posição da Nova República do Brasil em relação ao ensino de jovens e adultos.

A Constituição Federal de 1988, intitulada Constituição Cidadã, traz uma série de avanços, ao menos na teoria, para a educação brasileira. A Carta Magna, em seu artigo 208, assumes as responsabilidades sobre a educação no país:

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

- I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;
- II - progressiva universalização do ensino médio gratuito;
- VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;
- VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

§ 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

§ 3º Compete ao poder público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola. (Brasil, 1988)

A partir de agora, levando em conta as diretrizes dada pela UNESCO no congresso de 1989, a urgência pela erradicação do analfabetismo era ainda maior. Era necessário que o Estado tomasse as rédeas para que o desejado progresso na área educacional enfim saísse do papel. Sobre a educação popular e educação de jovens e adultos, a Lei de Diretrizes Básicas da Educação (LDB) será promulgada no governo de Fernando Henrique Cardoso e será um ponto para a compreensão da

EJA atualmente no Brasil.

3.2 LEGISLAÇÃO PARA A EJA NO BRASIL

A situação da Educação de Jovens e Adultos no Brasil sempre foi desafiadora ao longo da história. Desde a emancipação política de Portugal, em 1822, que as várias formas de governo (monarquia e república) e os vários regimes de governo (oligarquia, ditadura e democracia) não conseguem implementar uma política pública continuada para a modalidade. Isso se vale em todos os âmbitos, seja na alfabetização, conclusão ou técnico. Educar a classe trabalhadora é uma questão.

Um documento chave para a educação brasileira, a Lei de Diretrizes Básicas da, promulgada em 1997, foi uma conquista para o setor no país. Nela, a EJA é contemplada de uma maneira mais específica do que na Constituição Federal de 1988, uma vez que o objetivo dela era fornecer os parâmetros para o seguimento da educação no país. Segundo ela, no capítulo segundo intitulado “Da educação básica”, o parágrafo segundo diz que “Os sistemas de ensino disporão sobre a oferta de educação de jovens e adultos e de ensino noturno regular, adequados às condições do educando, conforme o inciso VI do art. 4º”. (LDB, 1997). Além disso, existe uma seção (Seção V) exclusivamente para a modalidade, trazendo alguns parâmetros para a execução da EJA no Brasil.

Apesar de parecer pouco, a chegada da Nova República em 1985 trouxe avanços para a Educação de Jovens e Adultos no que diz respeito à legislação. É muito importante ressaltar alguns trechos das documentações existentes, pois assim é possível entender que a existência de leis para a modalidade nos dá base para poder cobrar o poder público e compreender o maior ou menor investimento na modalidade.

Esses problemas podem ser por vários motivos. A clássica frase de Darcy Ribeiro sobre a educação parece atemporal: “a crise da educação no Brasil, não é uma crise, é um projeto”. De fato, se o olhar for exclusivamente para a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Popular, essa frase fica ainda mais evidente. O investimento na modalidade caiu de forma vertiginosa durante os últimos anos. De acordo com a organização *Provir*, as verbas destinadas para a modalidade reduziram de 1 bi de reais em 2013 para 7 milhões em 2021¹⁴. Esses números são ainda mais assustadores quando se fala sobre a evasão e a matrícula na modalidade. De acordo com o site do INEP sobre o Censo Escolar de 2023, “as

14 D’MASCHIO, Ana Luísa; LOPES, Marina. No país de Paulo Freire, EJA tem corte de investimento e pouca visibilidade. Disponível em: .

matrículas na educação de jovens e adultos (EJA) se mantiveram em queda, como ocorre desde 2018. Em 2023, foram registrados 2,5 milhões de estudantes. Desses, 2,3 milhões, na rede pública e cerca de 200 mil, na rede privada.¹⁵ Ainda sobre o Censo Escolar do ano passado, em um panorama geral, apenas 52% dos estudantes concluem o ensino fundamental da idade indicada, enquanto apenas 41%¹⁶, no ensino médio. Esses dados mostram que o problema da educação no Brasil continua sendo um entrave, tanto no Ensino Regular quanto na EJA, pois, se mais da metade dos alunos não concluem o Ensino Médio, isso significa que em breve eles estarão na EJA para tentarem terminar a sua formação, porém terão que conciliar com trabalho, família e a questão econômica, além da falta de investimento na modalidade, como já ressaltado. Ainda sobre as matrículas da EJA, a região onde houve mais matrículas foi no Nordeste com cerca de 1.291.101 matrículas totais. Para essa dissertação, o sudeste 631.748 mil, e no caso de Minas Gerais, estado onde este trabalho está sendo feito, o número foi de 176.891¹⁷.

Outro problema presente na modalidade, ainda não divulgado pelo Censo Escolar de 2023, é o da evasão escolar. Esse conceito é bem amplo e muitas vezes debatido com o conceito de “abandono escolar”. Mas para esse trabalho adotaremos que a modalidade de Educação de Jovens e Adultos ocorre “evasão escolar”. Isso se deve aos vários fatores que estão atrelados ao ato de um estudante deixar de frequentar a escolas, como questões econômicas, trabalhistas, sociais, e, também da própria instituição de ensino e dos sistemas de educação (PEREIRA, 2021, p.48). A educação de Jovens e Adultos, historicamente, é um local de grande número de abandono por parte dos estudantes, isso se deve por vários motivos, como destaca por Campos e Oliveira:

Os motivos para o abandono escolar podem ser ilustrados quando os jovens e adultos deixam a escola para trabalhar; quando as condições de acesso e segurança são precárias; os horários são incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados a assumir; evadem por motivo de vaga, de falta de professor, da falta de material didático; e abandonam a escola por considerarem que a formação que recebem não se dá de forma significativa para eles (Lima *et al.*, 2022)

Apesar dos dados de 2023 ainda não contemplarem a evasão escolar na modalidade, em 2022, o abandono chegou a ser de 19,75% no ensino fundamental e 24,7% no ensino médio. Esses números mostram que as questões ressaltadas acima são cruciais para entender que quase $\frac{1}{4}$ dos estudantes não ficam no ensino médio, um número elevadíssimo. Além disso, outros fatores podem ser destacados, como a própria questão do analfabetismo funcional o que dificulta ainda mais a

15 <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/mec-e-inep-divulgam-resultados-do-censo-escolar-2023>

16 INEP, 2023.

17 INEP, 2023.

absorção do conhecimento e a continuidade dos educandos em sala de aula.

[Na EJA] percebe-se uma relativa estagnação da taxa de analfabetismo da população acima de 15 anos de idade, que fica em torno 6,8%, o que equivale a 11 milhões e 300 mil pessoas (IBGE, 2018). Além disso, 29% são consideradas analfabetas funcionais (HADDAD e SIQUEIRA, 2015), indicando que o Brasil está longe de cumprir a meta 9 do Plano Nacional de Educação (PNE), que visa erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional até o final da vigência do PNE, no ano de 2024 (BRASIL, 2014) (SILVA, 2021)¹⁸

Os números, se por um lado não mostram um cenário almejado, mostra a redução dos índices de analfabetismo no Brasil. Isso se deve a uma série de outros documentos que vieram a partir da década de 1990 com a promulgação da LDB e com várias discussões no congresso brasileiro. Um deles, de grande importância, é o Parecer 11/2000 da Câmara de Educação Básica do Comissão Nacional de Educação, em que, no relatório, foi definidas as diretrizes da Educação de Jovens e Adultos. Apesar de ser promulgada apenas em 2000, o parecer já revela que as discussões datam o período logo após a LDB.

A Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE) teve aprovados o Parecer CEB nº 4 em 29 de janeiro de 1998 e o Parecer CEB nº 15 de 1º de junho de 1998 e de cujas homologações, pelo Sr. Ministro de Estado da Educação, resultaram também as respectivas Resoluções CEB nº 2 de 15/4 e CEB nº 3 de 23/6, ambas de 1998. O primeiro conjunto versa sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e o segundo sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Isto significou que, do ponto de vista da normatização da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Câmara de Educação Básica respondia à sua atribuição de deliberar sobre as diretrizes curriculares propostas pelo Ministério da Educação e do Desporto (art. 9º§ 1º, c da lei n. 4.024/61, com a versão dada pela Lei n. 9.131/95). Logicamente estas diretrizes se estenderiam e passariam a vigor para a educação de jovens e adultos (EJA), objeto do presente parecer. A EJA, de acordo com a Lei 9.394/96, **passando a ser uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, usufrui de uma especificidade própria que, como tal deveria receber um tratamento consequente**[grifo meu]. (Brasil, 2000)

O documento traz a um caráter inovador para a EJA ao colocá-lo em pé de igualdade, ao menos jurídica, elevando a categoria de modalidade. Isso significa que a EJA deveria ter um tratamento específico de seu desenrolar por ter um público singular se comparado com o público do Ensino Regular. Como já citado, essa “elevação de categoria” já vinha desde 1996. Com a LDB, porém com o Parecer 11/2000, eram criadas as diretrizes para a atuação e a compreensão que o profissional da EJA deve ter ao adentrar as salas de aulas da modalidade, entendendo que a realidade que irá enfrentar é uma construção histórica, já citada

¹⁸ Até o momento da escrita e apresentação dessa dissertação, os números sobre analfabetismo funcional no Brasil se mantêm, não sendo achado nenhuma fonte confiável para confrontá-los.

nesse trabalho em outros momentos. Desse modo, o objetivo não é apontar o educando como o responsável pela presença na EJA, mas que o poder público, ao longo do tempo, tem sua parcela primordial nas falhas educacionais do país. Segundo o parecer:

Desse modo, a função reparadora da EJA, no limite, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano. Desta negação, evidente na história brasileira, resulta uma perda: o acesso a um bem real, social e simbolicamente importante. (BRASIL, 2000, p.7)

Historicamente, o Estado tem falhado na tarefa, garantida por ela, na Carta Magna, em manter o acesso à educação. Por isso o profissional da EJA deve entender que não se trata de um ato de caridade com os indivíduos que estão ali, mas sim de justiça social; é um direito civil e constitucional, e, no parecer, o Estado entende novamente o seu erro ao longo dos anos de não ofertar uma educação de qualidade para a sua população:

A Constituição Federal do Brasil incorporou como princípio de que toda e qualquer educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (CF, art. 205). Retomado pelo art. 2º da LDB, este princípio abriga o conjunto das pessoas e dos educandos como um universo de referência sem limitações. Assim, a Educação de Jovens e Adultos, modalidade estratégica do esforço da Nação em prol de uma igualdade de acesso à educação como bem social, participa deste princípio e sob esta luz deve ser considerada. (BRASIL, 2000, p.22)

Oferecer a EJA e manter o pensamento supletivista de outros momentos dificilmente fará o estudante da modalidade ser respeitado e pouco provavelmente as produções e emancipações pensadas na Constituição Federal, LDB e nos demais Pareceres serão concluídas. Para Arroyo, a “EJA continua sendo vista como uma política de continuidade na escolarização¹⁹” (ARROYO, 2011, p.23) e isso faz como que o estudante da EJA seja encarado pelas suas carências, ressaltando o caráter de caridade da modalidade, o caráter de “segunda oportunidade”, o que gera um erro gravíssimo da escola, do poder público e do docente perante seu aluno. Assim, é necessária uma visão sobre os educandos da EJA como direito constitucional.²⁰ Eles estão ali porque é direito deles e não por um problema de caridade do Estado, mas sim por dever do Poder Público de correr atrás de um erro histórico. Por isso, o mesmo parecer de 2000 traz outra reflexão interessante sobre o tema:

19 É importante elucidar que essa citação de Arroyo foi feita em 2011 e mesmo assim, passado 13 anos, se mostra muito presente, principalmente na minha realidade de EJA na cidade de Bicas, MG.
20 ARROYO, M. G. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L. (org.). Diálogos na educação de jovens e adultos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 19-67

Por isso o art. 37 diz que a EJA será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. Este contingente plural e heterogêneo de jovens e adultos, predominantemente marcado pelo trabalho, é o destinatário primeiro e maior desta modalidade de ensino. Muitos já estão trabalhando, outros tantos querendo e precisando se inserir no mercado de trabalho. Cabe aos sistemas de ensino assegurar a oferta adequada, específica a este contingente, que não teve acesso à escolarização no momento da escolaridade universal obrigatória, via oportunidades educacionais apropriadas. (BRASIL, 2000. p.27)

Ao desprezar o ato de caridade na EJA, é preciso entender que não se trata de não reconhecer as peculiaridades sociais dos educandos da modalidade. Isso porque a grande maioria dos integrantes estão ligados a populações afro-descendentes que, no Brasil, devido ao racismo estrutural, sofrem com o maior número de analfabetismo, desempregos, violência, então, reconhecer essa realidade, ou melhor, essas realidades, é fundamental para o educador da EJA, assim como o poder Público, no caso, representado pela escola. Por isso, pensar o currículo, sobre o qual haverá uma breve exposição nos próximos itens desse capítulo, é pensar em direitos para a população integrantes da EJA. Segundo o mesmo parecer:

[...] a função reparadora deve ser vista, ao mesmo tempo, como uma oportunidade concreta de presença de jovens e adultos na escola e uma alternativa viável em função das especificidades socioculturais destes segmentos para os quais se espera uma efetiva atuação das políticas sociais. É por isso que a EJA necessita ser pensada como um modelo pedagógico próprio a fim de criar situações pedagógicas e satisfazer necessidades de aprendizagem de jovens e adultos. (Brasil, 2000, p. 9)

Todavia, o Parecer de 2000 não foi o único a trazer os relatórios sobre a situação da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. No Parecer do mesmo órgão de 2010, é possível notar que as preocupações sobre a modalidade começaram a mudar principalmente por um excesso de juvenilização da modalidade de maneira precoce. Segundo o parecer, que a “juvenilização da EJA, o que evitaria, no entender do CNE, uma “migração perversa” do ensino sequencial regular para a EJA e a compatibilização do conceito de jovem entre a LDB e o Estatuto da Criança e do Adolescente” (Parecer de 2010). Assim novos debates começaram a ser traçados com a finalidade de refletir sobre a idade dos participantes da Educação de Jovens e Adultos. O parecer citado propunha que os estudantes com 15 anos não pudessem mais adentrar a EJA, apenas com 18 anos de idade completos. Todavia, tal proposta não foi aceita. Apesar de ser uma preocupação de suma importância para quem vive a realidade da modalidade no país, é preciso compreender que esses jovens que estiverem fora da idade sequencial, tem que ser recebidos por alguma uma modalidade, uma vez, como já debatido, é direito dele estar em sala de aula. A exclusão da população jovem das salas de ensino regular seria um assunto de

grande valor para pensar a educação e pensar as matrículas na EJA, pois vários deles retratam a ida para a modalidade por ser “mais fácil”, porém, a questão curricular pode ser uma diferencial para esses estudantes, uma vez que se sentem mais contemplados na EJA do que a rigidez proposta pela BNCC.

Nos termos da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), promulgada recentemente, em 2016, o parece de 2020 traz a possibilidade, já existente desde 2010, para a EJA na modalidade à distância além disso, atrela-o aos parâmetros curriculares da BNCC. Tais atitudes foram veemente rechaçadas pelo Fórum EJA Brasil, onde, sobre a EAD da EJA o ofício diz:

Compreendemos que o Parecer compromete a autonomia de estados e municípios para pensar as políticas de EJA e é indutor para precarização do atendimento à modalidade indicando formas de ofertas multisseriadas e efetivação de um modelo limitado na Educação à Distância (EAD) sem compromisso com planejamento rigoroso, atento às questões de financiamento para garantia de infraestrutura tecnológica pública, formação de professores(as), materiais didáticos necessários, entre outras medidas afins. Desconhece a função reparadora que, conforme o Parecer (CNE/CEB 11/2000, p. 7), “significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer humano” (Brasil, 2020).

Sobre a BNCC, o documento ressalta que:

Ainda consideramos importante assinalar que o Parecer e o Projeto de Resolução de alinhamento da EJA à BNCC, descaracteriza a modalidade quando não estabelece uma concepção emancipatória para a EJA, pois não ressalta a especificidade dessa educação em tratamento teórico e político crítico, como um modo de atendimento próprio, centrado na ordem do direito que, inclusive, pode ser pensado sob diferentes perfis de ofertas, sempre na perspectiva da responsabilidade do Estado, através da Gestão Pública democrática, com atenção às necessidades e às inúmeras diversidades dos sujeitos jovens, adultos e idosos (Brasil, 2020).

A resposta do Fórum deixa evidente que o problema não é a EJA estar incorporada na BNCC, mas sim não ter, uma vez que é uma modalidade, um currículo específico para que atenda as suas singularidades pedagógicas. Esperar o cumprimento e as habilidades da BNCC sejam aplicadas na EJA é forçar um abismo de diferenças históricas e voltar com olhar se supletivo a modalidade.

3.3 CURRÍCULO, ENSINO DE HISTÓRIA E DOCÊNCIA

Abordar sobre currículo é sempre uma tarefa árdua para qualquer educador. A maioria dos professores passam pela elaboração de planejamentos anuais, semestrais ou bimestrais que dificilmente consegue fechar a equação entre cumprir

todo o conteúdo do livro no tempo necessário. Os livros didáticos são usados, em parte das escolas, de maneira equivocada. Em vez de tratarem ele como um material para nortear a ação do docente e o estudo do educando, muitas vezes ele é cobrado como se fosse o único material possível, e assim, as escolhas do autor acabam sendo a única visão possíveis sobre determinado tema ou disciplina. Isso não quer dizer que os livros deveriam ser abolidos. De forma alguma! Para os estudantes das escolas públicas, sobretudo onde a questão social é mais agravante, ele acaba sendo o primeiro, e vários casos, o único livro em que o indivíduo tem contato. A questão a ser levantada são os excessos de conteúdos abordados pelos livros que seguem as diretrizes da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), e, se tratando da Educação de Jovens e Adultos, que ao ser incorporada nesse documento formativo sem uma especificidade, tornou a questão do conteúdo ainda mais complexa e limitada para o docente. A discussão sobre currículo como um todo é necessária para a EJA, porém esse trabalho irá focar em um breve histórico de como foi a construção do currículo de história na educação brasileira e como o futebol pode se encaixar numa proposta temática para atrair e ser menos maçante aos educandos do que os currículos tradicionais da BNCC.

No que se refere ao ensino de história, a BNCC traz uma série de habilidade e competências para que o educando possa compreender todo o processo histórico. Todavia, essas demandas são atreladas a uma proposta curricular para o ensino regular que engloba, atualmente, o ensino integral, ou seja, ele já entende que, para que haja essa grande enxurrada de conteúdos em sala, é necessário que se tenha disponível mais tempo de aula. Ao encarar a realidade do ensino médio, essa conta parece não fechar, imagina ao se falar da EJA?

Trazendo para uma discussão histórica, a característica universalista e excessiva do currículo brasileiro não é novidade. Durante o século XIX e início do século XX, os currículos brasileiros estavam diretamente ligados aos europeus, trazendo assim uma visão universalista da história em que a história do Brasil ficaria em segundo plano, ou seja, ela seria apenas uma parte dessas histórias europeias (FONSECA, 2009, p.17).

A partir da Era Vargas, uma nova corrente chega à educação brasileira. Agora, o modelo estadunidense de currículo passa nortear os estudos intitulados como “Estudos Sociais”. Além disso, na década de 1950, a disciplina é inserida no currículo das escolas de Minas Gerais, tornando-se obrigatória em todo Ensino Médio em 1961²¹.

A Ditadura Militar veio reafirmando a importância da disciplina e organizando a Educação Moral e Cívica. Nesse momento, a preocupação do Estado era o maior

21 Ibidem. P.18

controle possível dos conteúdos ministrados para evitar ao máximo práticas de contestação dentro do ambiente escolar²². Situação essa começa a mudar na década de 1980, quando uma maior integração entre ensino de base e superior começa rever as práticas aplicadas para o ensino de história no Brasil. Segundo Fonseca:

Neste contexto de repensar as áreas da História, Geografia e Educação, ganharam força as propostas curriculares do Ensino da História e Geografia no currículo escolar desde os anos iniciais do ensino fundamental. Os currículos foram reformulados e as configurações e da História ensinada revelaram uma diversidade de concepções. É interessante salientar que no interior das mudanças, um dos vieses da renovação foi a introdução da concepção de ensino de História temático. A fragmentação, a linearidade, a chamada “História oficial”, até então características do ensino de História e Estudos Sociais, foram combatidas e substituídas por outras histórias, outras abordagens problematizadoras de diversas dimensões da realidade social em diferentes tempos. (FONSECA, 2009, p.25)

É a partir dessa concepção de ensino de história temático, que a ideia freiriana de aprender com base no conhecimento do sujeito deve ser amplamente usada. Entender a EJA como um espaço em que os sujeitos já vêm com uma bagagem de suas vidas, possibilita o educador uma produção curricular mais voltada às realidades dos educandos. Os currículos são um grande espaço de disputa, então é necessário que o educador não seja apenas um objeto de reprodução de tais práticas, muitas vezes impostas (Resende; Cassab, 2021). É importante que segundo o relatório da CNE, já citado, a função da EJA, e por consequência do educador da EJA, é:

Esta tarefa de propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida é a função permanente da EJA que pode se chamar de qualificadora. Mais do que uma função, ela é o próprio sentido da EJA. Ela tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares. Mais do que nunca, ela é um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade (BRASIL, p.11)

Mas como fazer isso, quando a BNCC assume os parâmetros curriculares da EJA? Segundo o documento:

Essas decisões precisam, igualmente, ser consideradas na organização de currículos e propostas adequados às diferentes modalidades de ensino (Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola, Educação a Distância), atendendo-se às orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais. (BRASIL, p.17)

Ao analisar as orientações do relatório e com a pesquisa e reflexão de um

22 Ibidem. P.20.

educador na Educação de Jovens e Adultos, e comparar com o que é proposto pela BNCC, parece ser uma tarefa de total impossibilidade. Ao assumir a condição de regulador curricular da EJA, a BNCC traz consigo uma gama de conteúdos e habilidades para que os educandos se desenvolvam em menor tempo e infraestrutura. São vários eixos temáticos com objetivos e habilidades diferentes para os três seguimentos da educação: fundamental I e II e médio. Porém, é importante trazer que os sete pontos destacados como “Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental” seriam interessantes atrelar a EJA, são elas:

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.
6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.
7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais (Ministério Da Educação).

Arroyo cita a relação entre currículos e educadores como sendo “tensa”. E de fato, ela é. Segundo o autor, as relações entre os “ornamentos curriculares” e os “docentes” são marcadas por um debate em dois polos: os educadores que buscam uma compreensão mais ampla do processo nos grupos de estudos, e outros mecanismos para serem menos “aulistas”; e os currículos que continuam com seus aspectos rígidos, tradicionalistas e voltados para o quantitativo (ARROYO, 2013, p.35). É nesse cenário de disputas, debates e tensões que o educador da EJA tem que entender seu papel como um agente fundamental para combater as imposições e as massificações propostas pelos currículos. É achar as brechas necessárias para trazer uma visão mais crítica e saber que a sua criação, o seu currículo, ajudam no papel da *práxis* (FREIRE, 1984. p.44) da educação. Assim, a ação docente é vista como um campo onde existe autonomia, mas também fronteiras (SACRISTAN,

2000. In RESENDE, CASSAB, 2021).

Nesse contexto de mudanças, a formação do docente parece um ponto crucial para o enfrentamento a precariedade da EJA e a imposição curricular do Estado sem o diálogo com os educadores. Segundo Arroyo (2011) e Freire (1984), a EJA deve ser encarada como um processo que busca emancipar o educando dando a ele a consciência necessária em busca da liberdade. Daí a abordagem de maneira a entender que a EJA não é uma segunda chance ou “correr atrás do tempo perdido”, mas sim entender a modalidade como direito constitucional. Nesse sentido, é possível trazer a contribuição de Giovanetti ao tema, dizendo que:

Além de conceber o mundo sob a ótica de movimento, a concepção de educação que fundamenta a educação popular percebe o homem como sujeito. Portanto, a EJA, ao buscar a referência no legado da educação popular, depara-se com mais esta contribuição: os alunos da EJA passam a ser compreendidos e apreendidos como sujeitos socioculturais. Visão que implica a superação de uma visão homogeneizante e estereotipada da noção de aluno, conferindo-lhe outro significado. Segundo Dyrell (1996), trata-se de compreender os jovens e adultos, na sua, diferença, enquanto indivíduos que possuem uma historicidade. (GIOVANETTI, 2011, p. 250)

A experiência do educando deve estar constantemente atrelada à construção dos saberes, por isso, é muito difícil imaginar uma educação popular voltada para a EJA sem o diálogo e sem o mínimo conhecimento do *método Paulo Freire*. Sua prática inovadora é baseada na construção coletiva, ou seja, na linguagem e interação entre educando e educador. Essa interação parte em pé de igualdade, afirmando a “dialogicidade como um ato educativo” (PAULA; OLIVEIRA, 2011, p.81) para a construção de saberes múltiplos; e o principal, politizando para a transformação do ser. Mas, para que isso aconteça, De Paula e Oliveira destacam três etapas da metodologia freiriana:

[...] a etapa da investigação temática, com levantamento e o reconhecimento dos saberes prévios dos educandos e da sua leitura de mundo; a etapa da tematização, com a seleção e a organização das temáticas centrais e relevantes para a organização de um ambiente de aprendizagem contextualizado e significativo; e a etapa da problematização, com o debate e o desvelamento das realidades. (Paula; Oliveira, 2010)

Essas três etapas ajudam o desenrolar desse trabalho e desse qualquer educando que pretende trazer uma prática de construção conjunta dentro da Educação de Jovens e Adultos. Tratando-se especificamente deste trabalho, ao utilizar o futebol como um dos eixos temáticos, uma vez que ele seja levantado pelos educandos, pode ser visto como parte de seu cotidiano, já que o esporte está sempre presente nos telejornais, páginas de redes sociais, canais de *streaming* e jogos eletrônicos. O futebol pode ser muito bem explorado para uma compreensão crítica, política e social do mundo em que eles vivem. Quais jogadores saíram da

cidade em que você vive? Você conhece alguém que tentou ser jogador? Por que a fixação de ser jogador de futebol? Por que os jogadores não se posicionam sobre assuntos relacionados a política, saúde pública, racismo, entre outros? Essas são apenas algumas perguntas que possam aguçar o senso crítico a partir da utilização do futebol como eixo temático.

4 O USO DO FUTEBOL NOS LIVROS DIDÁTICOS

4.1 UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS

O descaso com a modalidade nos últimos anos, afetou a produção dos livros didáticos para a EJA que foram praticamente extintos. Atualmente, o terceiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, retomou o investimento para a EJA, porém, na prática, ainda não é possível ver os orçamentos destinados, principalmente em uma cidade do interior de Minas Gerais com cerca de 13 mil habitantes. Assim, a produção didática fica na maioria das vezes por conta do próprio docente e do estudante. Esse mecanismo permite a criatividade de ambos, porém, não deve ser feita de qualquer modo e sem método. Daí a necessidade do item anterior em abordar a formação de profissionais para a EJA assim como discutir a questão curricular.

Ainda sobre os livros didáticos, a autora Circe Bittencourt, no livro intitulado “Ensino de História, fundamentos e métodos”, destaca dois tipos de materiais didáticos usados no âmbito escolar: os *suportes informativos* e os “documentos” (BITTENCOURT, 2004, p.296). Os *suportes informativos* são aqueles materiais que tem a “intenção de comunicar os elementos do saber das disciplinas escolares”²³; já os “documentos” são aqueles materiais que não são produzidos com o intuito da sala de aula. Ela tem o almejo “atingir um público mais amplo e diferenciado”²⁴. É importante caracterizar esses dois tipos de materiais, uma vez que esse trabalho vai expor uma proposta de material didáticos através do uso de “documentos”, segundo Bittencourt – os jornais – que não são voltados para produção específica de sala de aula. No capítulo quatro a proposta será mais bem detalhada.

Assim como a questão curricular, o material didático é uma construção e uma escolha política. Por isso a necessidade do educador de se qualificar corretamente para a utilização de materiais didáticos. Bittencourt cita o artigo de Apple, “Controlando a forma do currículo”, onde o autor destaca que o “despreparo do professor, resultado de cursos sem qualificação adequadas”, favorece para a utilização do material pelas escolas com um viés lucrativo da industrial cultural do país, tornando os materiais em verdadeiros “pacotes educacionais”²⁵. Se tratando especificamente do ensino de história, Selva Fonseca destaca os perigos de um material e uma educação voltada para a “história oficial”, ou seja, a “memória dos vencedores” (FONSCECA, 2009, p.43), que no universo da EJA pode ser ainda mais excludente para o estudante, já que estamos falando de uma parcela de educandos

23 BITTENCOURT, 2004, p.296

24 Ibdem, p.297

25 Ibdem, p.298.

herdeiros dos problemas políticos e sociais causados justamente pela elite dominante histórica desse país. Essas teorias dialogam com *método Paulo Freire*, já citado, ao fazer o educador refletir que a realidade do estudante da EJA não pode ser desprezada quando o material didático e o currículo for pensando. Isso não quer dizer que o educando da EJA deve ser infantilizado²⁶ do ponto de vista pedagógico. Não é trazer propostas pedagógicas que tiram a sua experiência de vida, social, política e sim que essas suas vivências sejam incluídas para a formação de um ser crítico capaz de refletir a sociedade em que ele esteja inserido.

Se tratando da EJA, a ausência do material didático “oficial”, ou, no dizeres de Bittencourt, *suportes informativos*, mostra uma série de descasos com a modalidade. É preciso entender que todo material haverá em maior ou menos escalas, projetos políticos dentro de suas páginas, e como já citado, cabe o educador, bem instruído, triar o melhor proveito possível desses recursos que são fornecidos; mas a inexistência é algo ainda mais complexo. O livro didático, em algumas comunidades, pode ser o único exemplar de livro que esses estudantes tem ao longo de sua vida, assim, eles “não podem ser tomado como a ‘única fonte’, ou ‘a mais verdadeira’, ou ‘a melhor’, nem tampouco ‘a pior’” (FONSECA, 2009, p.45), mas sim como uma base para o educador e o educando se orientar ao longo de sua caminhada estudantil.

É possível expor, como já citado em outros momentos nesse trabalho, a realidade enfrentada por mim na EJA na cidade de Bicas, em Minas Gerais. O único livro de suporte data 2014. São exatamente 10 anos da sua publicação o que traz uma série de dados e informações que foram ultrapassadas. Por exemplo, e um eixo temático para as turmas de sexto ano, intitulado “O caminho dos alimentos”, onde o livro faz, de maneira bem satisfatória, a importância das Grandes Navegações e das culturas dos povos originários e dos povos negros na construção cultural do país, sobretudo alimentar; há, no final do capítulo uma reportagem expondo que o Brasil já havia saído do mapa da fome organizado pela ONU. Todavia, após anos de má gestão alimentícia do governo federal somados a pandemia do coronavírus, o Brasil, recentemente, voltou para esse triste índice. Esse descaso com a EJA, é visto no cotidiano de quem está inserido em sua realidade, em suas salas de aulas todos os dias, e é bem verdade que isso não é por acaso, mas sim um projeto de invisibilidade da população que frequenta a EJA²⁷.

26 VENTURA; BOMFIM. 2015. p.217

27 É compreensível, até certo ponto, o alto custo da produção de material didático. Todavia, esse trabalho foca na grande ausência de políticas públicas ao tratar o material didático para a EJA. Pensar que dentro de dez anos não houve atualização no material didático é algo para reflexão dos professores da escola pública, uma vez que no ensino regular, mesmo nas escolas públicas, o livro é reavaliado a cada três anos.

4.2 O FUTEBOL NOS LIVROS DIDÁTICOS

Para fazer o “meio-de-campo”²⁸ com o próximo capítulo, o futebol pode ser uma ferramenta do mundo cotidiano, na experiência do estudante ao longo de sua vida que pode ser utilizada em sala de aula. É muito comum, dentro do cenário da EJA, encontrar jogadores amadores (a famosa várzea), ex-jogadores (até mesmo profissionais) e muitos jovens que almejam ser jogadores de futebol ou estão ligados como o esporte através dos jogos eletrônicos atualmente. Então, por que não trazer o futebol como um mecanismo para a compreensão da história?

É possível usar o esporte, não apenas o futebol, em vários tempos históricos diferentes, como: as olimpíadas na Grécia antiga, no regime nazista de Hitler e durante a Guerra Fria; o futebol na formação da classe operária inglesa ou nas questões raciais no Brasil; nos regimes totalitários europeus, Itália, Alemanha, França e Espanha, assim como no Brasil de Vargas e, assunto desse trabalho, durante a Ditadura Civil-militar de 1964 a 1985.

Para fazer um pequeno recorte sobre a aplicação dos esportes em livros didáticos, analisei os livros que são adotados tanto no ensino fundamental II e no ensino médio, nas três escolas em que leciono. Duas em Juiz de Fora, da rede particular, de editoras que são constantemente usadas nas escolas públicas; e uma escola em Bicas, na rede pública municipal. Em Bicas, como já dito, a EJA ainda tem os exemplares do livro de 2014, porém não são mais em quantidade suficiente para os educandos, porém vale dedicar algumas linhas para tentar achar a relação entre o tema aqui abordado; além do “ex-livro” (e ao mesmo tempo atual, já que ainda serve de base para alguns professores), foi encontrado mais dois exemplares específicos para a EJA. Para trazer uma discussão mais embasada, eu também analisarei os dois livros utilizados no Ensino Regular do Fundamental II. Como eles estão no processo de troca dos livros, há duas coleções para podermos compararmos. O objetivo, é fazer uma pequena análise sobre como os esportes são abordados nos livros didáticos de história, sobretudo o futebol e não haverá uma crítica mais detalhada sobre a construção dos livros sobre os conteúdos temáticos e factuais dos exemplares. Apenas se há ou não a relação com esportes, e caso haja, como ela vem abordada.. O uso da dissertação de mestrado do programa do Prof. História, intitulado “E aula ou é esporte? Pensando o Brasil através das copas de 1950 e 2014”, de Victor Provenzano, ajuda a ter uma ideia de como esse assunto já vem sendo abordado desde 2014 já que o autor também analisa alguns livros.

²⁸ Gíria do meio esportivo futebolístico que é usada para designar ligação com outro assunto que estar por vir.

4.3 OS LIVROS VOLTADOS PARA A EJA

Começarei com o livro mais utilizado na Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal Coronel Joaquim José d Souza, em Bicas, intitulado “*EJA MODERNA*” o livro foi distribuído pela editora Moderna e tem como editora responsável Virginia Aoki e foi lançado em 2014, ou seja, tem 10 anos. Sua dinâmica é bem interessante para a EJA, já que ele aborda os capítulos por eixos temáticos, com as demais disciplinas curriculares. Por exemplo, no 6º ano, o Capítulo 3 da Unidade II, “Alimentação”, também é discutido pelas demais disciplinas, trazendo a possibilidade de trabalho interdisciplinar riquíssimo para a EJA. Como o objetivo não é analisar o conteúdo do livro, voltou para a questão da relação entre esporte, história e educação. O livro do 6º ano começa na página 156 e vai até 443, média de páginas também dos demais anos, porém não foi encontrado nenhum tipo de relação entre os assuntos estudados. Isso vale para o livro do 7º ano e para o do 9º ano. Ambos não trazem absolutamente nenhuma referência aos esportes de modo geral, mesmo abordando temas onde a temática poderia ser muito bem explorada, como a Guerra Fria e o *Apartheid* na África do Sul.

O único livro que a temática do futebol é abordada, é o do 8º ano. Seu eixo temático é a política brasileira, mostrando as diversas formas de governo que o país já passou e trazendo ricos conceitos para entender a sociedade atual e a construção do Estado do Brasil. No capítulo 3 da Unidade II, chamado “O Brasil Republicano”, na página 183 os autores trazem a imagem de Getúlio Vargas em um comício no estádio do Pacaembu, em São Paulo. Segue a imagem.

Figura 1

UNIDADE 2 – A sociedade brasileira

O legado da Era Vargas: populismo ou ditadura?

As eleições de 1938 se aproximavam, porém Vargas e seu grupo não tinham planos de entregar o poder. Assim, em 10 de novembro de 1937, alegando a existência de uma conspiração para a tomada do poder, Vargas decretou o **Estado Novo (1937-1945)**.

Getúlio Vargas suspendeu a Constituição e passou a governar por decreto, fechou o Congresso, nomeou interventores para os estados, proibiu os partidos políticos e o Brasil recebeu uma nova Constituição.

O Estado Novo, seguindo a tendência iniciada em 1930, desenvolveu também uma política cultural. Já em 1931 foi criado o Ministério da Educação e Saúde. A cultura brasileira tornou-se um patrimônio nacional, e passou a ser oficialmente incentivada. Diversos artistas e intelectuais passaram a trabalhar junto ao Ministério da Educação, ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, mais tarde IPHAN), entre outras instituições criadas pelo governo.

Por outro lado, como se tratava de uma ditadura, o Estado desenvolveu uma política repressiva, de censura à imprensa controlada pelo **Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)**, que cuidava da imagem pública de Vargas, apresentando-o como o grande líder, defensor dos pobres.

A política destinada às classes populares, denominada **populismo**, tinha caráter contraditório. Ao mesmo tempo que as medidas consagravam direitos, subordinavam as organizações sindicais aos interesses políticos do Estado Novo. Nesse sentido, o estabelecimento, em 1º de maio de 1941, da Justiça do Trabalho, entidade prevista pela Constituição de 1934, e a promulgação, em 1943, da **Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)**, podem ser consideradas o ápice do populismo do Estado Novo.



▲ Getúlio Vargas acena para o público em evento no estádio do Pacaembu, em São Paulo, realizado no dia 1º de maio de 1944.

■ Por que, de acordo com o texto, o populismo é considerado uma política de caráter contraditório? Converse com seus colegas.

É importante que os alunos percebam que as medidas destinadas às classes populares, ao mesmo tempo em que consagravam direitos, subordinavam as organizações sindicais aos interesses políticos do Estado Novo.

183

139

Fonte: Aoki (2013, p. 183).

O tema sobre populismo dialoga muito bem com o assunto do esporte,

sobretudo, nesse exato contexto, com o futebol. A Imagem passa a ideia de adoração e de aplicação do populismo como prática política, porém não contextualizar o ato de estar em um estádio de futebol lotado, o maior do Brasil, na época, é uma perda enorme. É sabido que os educadores não devem ficar preso ao livro ou qualquer material didático, porém o próprio livro poderia fazer a relação entre os temas o que traria mais sentido a utilização da imagem.

No final do Capítulo 4, “Democracia e ditadura no Brasil”, vem, a meu ver, o ponto alto da relação entre o futebol e o ensino de história nos livros didáticos. As páginas 197 e 198 possuem um texto do livro de Hilário Franco Júnior, “A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade” e duas imagens da Copa do Mundo de Futebol de 1970 onde cita-se a propaganda política feita pela Ditadura durante o período; a citação da letra “Pra Frente Brasil” de Miguel Gustavo até hoje entoada em período de Copa do Mundo, além da utilização da televisão como meio de comunicação principal para o casamento entre o futebol e a propaganda política. Ao final, encontra-se três exercícios de análise do texto, da imagem, do fato e principalmente, a reflexão sobre a utilização do futebol como propaganda política pelo Governo Militar de 1964 a 1985. Segue a imagem da página 193 onde encontra-se a questão:

Figura 2

A esquerda, acuada pela repressão e fragmentada em inúmeras tendências, encontrava-se dividida entre dar vazão ao sentimento nacionalista ou torcer contra o time brasileiro. Não foram poucas as discussões nos aparelhos guerrilheiros sobre qual seria a postura de um verdadeiro revolucionário diante da situação. Não foram poucos aqueles que escutaram e assistiram de forma duplamente clandestina à *performance* do selecionado canarinho. Não foram poucos os que vibraram com o primeiro gol da Tchecoslováquia, marcado por Petras aos onze minutos do primeiro tempo, ainda que incomodados com a comemoração do jogador comunista ajoelhando-se no gramado e fazendo o sinal da cruz.



▲ Pelé comemora gol no jogo contra a Tchecoslováquia na Copa do Mundo de 1970, no México.

Muitas daquelas pessoas ficaram inconformadas com o resultado da espetacular tentativa de Pelé de marcar do meio de campo, quando o goleiro Viktor estava adiantado, quase na linha da grande área. E por fim muitas ficaram surpresas ao serem tomadas pelo sentimento de alegria quando o Brasil empatou o jogo com Rivelino e virou com um gol de Pelé e dois de Jairzinho. O nacionalismo de chuteiras abriu fissuras irreparáveis nas mais aguerridas convicções ideológicas.”

FRANCO JÚNIOR, Hilário.
A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade.
São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 143-144.

2.b) A frequência com que a marchinha *Pra frente Brasil* era tocada nas rádios, na televisão, nas escolas e nos desfiles; a disseminação pelo Brasil dos slogans ufanistas criados pelo regime, associando o sucesso da seleção de futebol com o crescimento econômico do país; a exibição pública do troféu, promovida pelo governo; o álbum de figurinhas dos jogadores da seleção com a estampa da imagem do presidente.

3.b) É importante os alunos perceberem que os autores dos dois textos procuraram mostrar como o Regime Militar no Brasil apropriou-se de um evento esportivo; primeiramente, para estimular nos brasileiros um sentimento patriótico e, em segundo lugar, para disfarçar a opressão do regime nesse período.

2.a) A Copa de 1970 foi um marco porque nas partidas da seleção brasileira disputadas no México as habilidades dos seus jogadores se apresentaram em sua melhor forma. A Copa do México foi também a primeira que os brasileiros puderam acompanhar ao vivo, pela televisão.

QUESTÕES

1 Localize no texto algumas informações sobre a Copa de 1970.

a) País onde se realizou. México.

b) Os nomes de alguns jogadores do Brasil. Jairzinho, Pelé, Tostão, Gerson, Rivelino.

c) Uma equipe adversária e o nome de alguns de seus jogadores. Tchecoslováquia, Petras e Viktor.

d) O presidente do Brasil na época. Emílio Garrastazu Médici.

2 Responda às questões a seguir.

a) Por que, segundo o autor, a Copa de 1970 foi um marco na história do futebol?

b) Que exemplos o autor apresenta para demonstrar o uso do futebol como instrumento de propaganda política?

3 Leia este trecho e responda às questões a seguir.

3.a) Enquanto ocorriam prisões, torturas e assassinatos de presos políticos, o Regime Militar tentava aproveitar-se das conquistas brasileiras no futebol para encobrir o regime repressivo que vigorava nesse período.

“Foi uma festa. Não somente no México, como também no Brasil, apesar da ditadura. Ainda que as prisões, torturas e assassinatos de presos políticos atingissem um elevado grau de violência, as emissoras de rádio não paravam de tocar a música *Pra frente Brasil*, composta por Miguel Gustavo [...]”

AQUINO, Rubim Santos Leão. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 94.

a) Qual contradição o autor destaca no trecho acima?

b) As opiniões dos autores expressas no texto complementar e no trecho acima, sobre a Copa de 1970 e o Regime Militar no Brasil, são parecidas ou diferentes? Converse com seus amigos.

198

154

Fonte: Aoki (2013, p. 198).

O outro livro destinado para a modalidade EJA para o segundo segmento do

Ensino Fundamental II é intitulado “Saberes da Vida, Saberes da Escola: Educação de Jovens e Adultos Anos Finais do Ensino Fundamental” da editora Ática e tem Kátia Trovato Teixeira como editora responsável. O livro é totalmente voltado para disciplina de história com abordagens em eixos temáticos e com interdisciplinaridades interessantes. Porém, os capítulos não tratam absolutamente nada sobre futebol e ou qualquer outra modalidade esportiva. Já o livro “Viver e Aprender: Ciências Humanas Ensino Médio” organizado pela Editora Global e escrito por uma série de autores, Ana Paulo Courti, e outros, tem referências a modalidades esportivas, porém, pouco exploradas. Apesar de ser um livro didático voltado para o Ensino Médio, acredito que vale a análise justamente para corroborar com a tese da dissertação da falta de utilização dos esportes, principalmente o futebol, em sala de aula para o Ensino de História ou afins. O livro traz três menções, em fotos, sobre os esportes de modo geral.

A primeira aparição do futebol é uma foto na página 258, na Etapa II (voltada para o segundo ano do ensino Médio) e no livro voltado para Filosofia. Nela, é possível ver uma imagem dos jogadores de Corinthians e Palmeiras perfilados para o hino Nacional no ano de 2012 e ao fundo um mosaico feito pela torcida contra o uso de arma de fogo. Segue a imagem:

Figura 3

Em sua origem, o homem viveria livre e feliz ao caminhar pelas florestas, dotado apenas de seu instinto de autopreservação, sem a necessidade de relacionar-se com os outros para viver bem. Buscava apenas satisfazer as necessidades de seu corpo, sem recorrer a maiores reflexões ou à criação de laços familiares. O querer, o desejar e o temer eram as primeiras e quase únicas operações de sua alma.

Neste momento ele ainda ignora o vício e traz consigo um coração tranquilo. Para Rousseau, esse seria o cenário mais propício ao surgimento da única virtude por ele considerada natural: a piedade. Sem esta, a razão não serviria de nada e os homens se tornariam monstros, já que o amor de si mesmo contribui para a preservação de toda a espécie.

Quando vemos alguém sofrer, sem maiores reflexões, nosso instinto é o de ajudá-lo. No estado de natureza, seria a piedade que desempenharia o papel que, na sociedade civil, têm as leis e a virtude.



A violência está dentre as principais preocupações e temores da população das grandes cidades brasileiras no século XXI.

Na imagem, observamos manifestação contra o uso de armas de fogo em partida entre Palmeiras e Corinthians, em 2012. Conforme pensamento de Rousseau, a violência urbana seria produto da sociedade que corrompe os seres humanos?

É a partir dessas suposições que Rousseau conceberia a noção de **bom selvagem**. Esta carregaria em si uma outra característica essencial ao processo de agrupamento e socialização: a tendência a sempre aperfeiçoar-se. Este aspecto comum e natural do homem permitiu que ele abandonasse seu inocente estado inicial de tranquilidade e desenvolvesse vícios e erros, mas com eles também novas virtudes.

Por meio do convívio encontrou o prazer, que se dava no canto, na dança, no amor e na amizade. Todavia, junto a esses prazeres veio o sofrimento, fruto da inveja e do ódio, propiciando a discórdia, mãe da guerra. O desenvolvimento das técnicas, sobretudo as da metalurgia e da agricultura, legitimou o conceito de propriedade privada, juntamente à percepção, agora nítida, de que uns possuíam mais do que outros.

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassinios, misérias e horrores não poupou ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: "Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!".

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 203.

Fonte: Corti *et al.* (2013, p. 258).

O assunto em questão é a origem da violência através da abordagem do

filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau. Mas nada é debatido entre o futebol e a violência nessas páginas. Talvez, uma interlocução interessante seria trazer algumas das páginas do livro “Entre Vândalos” de Bill Buford de 2010. A obra mostra relatos sobre a violência dos *holligans*, com um destaque para os ingleses, na sociedade.

Na Etapa III (destinada ao terceiro anos do Ensino Médio), no livro de história ao falar do populismo de Getúlio Vargas, novamente é mostrado a foto de comícios no estádio do Pacaembu, em São Paulo, e desta vez, no estádio de São Januário, no Rio de Janeiro pertencente ao Clube de Regatas Vasco da Gama. Segue a imagem:

Figura 4

chefe do Estado. Nas funções de árbitro, Getúlio Vargas passou a decidir em nome dos interesses de todo o povo, tendendo, até mesmo, a optar por determinadas alternativas que despertavam menor resistência ou maior apoio popular.

ABREU, Alzira Alves de. et al. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001. p. 4740. v. IV.

Getúlio Vargas chegou a ser chamado de o “pai dos pobres”, por ter criado a legislação trabalhista e outras leis que melhorariam a vida do trabalhador. As propagandas empreendidas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) contribuíam para que a população cultuasse essa imagem de Vargas.

Isso era feito como uma estratégia de governo, ou seja, o Estado investia no culto à personalidade de Vargas. Grandes quantias de dinheiro público eram gastas para glorificar o presidente.

Na imagem da direita, em comício realizado no estádio do Pacaembu, em São Paulo, é possível ver, ao fundo, uma faixa em que Vargas é saudado como *o comandante do Brasil em guerra*. O Dia do Trabalho, uma data para lutar pelos direitos dos trabalhadores, foi transformado em uma data para homenagear o líder Vargas.



Vargas desfilando em carro aberto na concentração trabalhista de 1º de maio de 1951 no estádio do Vasco da Gama, na capital carioca.

Concentração trabalhista de 1º de maio, no estádio municipal do Pacaembu, São Paulo (SP), 1944.

O slogan “Trabalhador sindicalizado é trabalhador disciplinado” refere-se ao contexto em que o sindicalismo havia sido atrelado ao Estado e os trabalhadores não deveriam fazer greves ou protestar contra o governo.

Em 1950, Vargas foi eleito presidente do Brasil pelo voto direto. Em estilo populista, logo após a vitória, realizou uma festa para 120 mil pessoas no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. Artistas e jogadores foram convidados para prestigiá-lo no evento.

Em seu projeto de governo, pretendia alavancar o desenvolvimento industrial e aprofundar as reformas trabalhistas, estendendo os direitos dos trabalhadores urbanos para o campo.

Em 1953, após muitas discussões no Congresso, a Petrobras foi criada com a finalidade de ampliar a pesquisa, a refinação e o comércio de petróleo no país, que se tornaria monopólio do Estado. Com isso, ganhou força seu projeto nacionalista, que pretendia desenvolver a indústria nacional.

Etapa 3 383

Fonte: Corti *et al.* (2013, p. 383).

Novamente, assim como destaque no livro de Virgínia Aoki, não traz uma

reflexão sobre a utilização dos estádios para eventos políticos por Vargas. Principalmente se comparado com os dias atuais, raramente o chefe de Estado é visto nas tribunas de honra de algum estádio futebolístico. Os casos mais recentes foram da ex-presidenta Dilma Rousseff, durante a Copa do Mundo de Futebol em 2014, aqui no Brasil; e do ex-presidente Jair Bolsonaro, que compareceu em alguns estádios entre 2021 e 2022. Essa temática da utilização de espaços destinados a prática esportiva por autoridades políticas, não é novidade na história e nem tão pouco usada, então o livro “peca” ao não trazer uma abordagem mais específica sobre o tema. No caso do estádio do Vasco da Gama, um estádio particular, ao contrário do Pacaembu, em São Paulo, a escolha por Vargas não é por acaso, afinal, em 1951, data da foto, já existia o imponente Maracanã (Estádio Jornalista Mario Filho), com sua capacidade voltada para 200 mil pessoas. Então, por que escolher São Januário? Ligação certamente faz parte da localização geográfica do estádio, por estar próximo ao bairro de São Cristóvão, tradicionalmente ocupado por trabalhadores depois do fim da monarquia no Brasil. Vargas nitidamente queria se mostrar um líder popular, então, nada melhor que o estádio que estivesse mais perto do povo, dessa forma, a alcunha de o “pai dos pobres” seria mais evidente.

Por último, ainda na Etapa III, na página 474, agora com uma abordagem sociológica, o livro traz uma imagem da prática de skate, em São Paulo, de 2012. O assunto abordado é sobre cultura urbana e como espaços públicos podem ser abordados por expressões culturais diversas, como o skate, hip hop, rap, funk, entre outros movimentos. Segue a imagem:

Figura 5

tradições que se desenvolveram em várias localidades, inclusive no meio rural e em pequenas cidades. Por exemplo, não é possível pensar a cultura das duas maiores metrópoles brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo, sem considerar a influência dos modos de falar, da música, das crenças e da comida do Nordeste, já que essas cidades atraíram grande fluxos de migrantes nordestinos. Assim como não se pode refletir sobre a cultura de Salvador sem atentar para a interferência das tradições das populações negras, tendo em vista que se trata de um antigo polo mercador de africanos escravizados. Do mesmo modo, em cidades do Sul do Brasil, como Porto Alegre e Florianópolis, encontram-se muitos elementos da culinária, dança e religiosidade de colonos europeus vindos de países como Alemanha, Itália e Rússia.

A cultura urbana também está ligada aos modos de vestir, falar e se relacionar, aos estilos musicais, movimentos artísticos, formas de atuação política, hábitos de lazer, comportamentos, sociabilidades, valores, entre muitos outros aspectos da vida em sociedade.

A cultura urbana revela, ainda, como diferentes indivíduos e grupos – como jovens, afrodescendentes, homossexuais, estudantes, esportistas, trabalhadores, ricos etc. – circulam, se apropriam e fazem uso das cidades.

Os *skatistas*, por exemplo, se reúnem em praças públicas ou usam as ruas para realizar manobras radicais, os roqueiros expressam sua preferência musical vestindo roupas pretas e adereços metalizados; aqueles que gostam de *rap* tratam-se como “manos” e usam diversas gírias para demonstrar seu pertencimento à periferia; e os jovens que são mais abastados frequentam clubes e festas exclusivas, exibindo roupas e acessórios de grife.

Essa cultura, além de relacionada a outras tradições não necessariamente ligadas às cidades e baseada nos modos como os diferentes indivíduos se relacionam no espaço urbano, é um processo, e por isso está em constante mudança, até mesmo para acompanhar as transformações históricas, políticas e econômicas que acontecem constantemente.

Assim, podemos falar em não apenas uma, mas em múltiplas e diversas culturas urbanas se compararmos as características de uma cidade com as de outra, ou mesmo se pensarmos na variedade de costumes, relações e práticas presentes numa grande metrópole.



Fonte: Corti *et al.* (2013, p. 474).

Apesar do livro trazer reduzidas utilizações e algumas delas mal exploradas,

as a aparição faz com que o educador possa explorar esses eventos, abrindo caminho para discussões em outros espaços da sociedade.

4.4 OS LIVROS UTILIZADOS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Nesse novo momento, analisarei os livros que utilizo, ou que as escolas onde trabalho adotam para os anos finais do Ensino Fundamental. Inicialmente, a abordagem estará voltada para os livros usados na Escola Municipal Coronel Joaquim José de Souza, a qual está passando pela implementação de novos volumes para o sexto ano. Assim, a primeira análise será da coleção "*Históri.doc*" escrito por Ronaldo Vainfas, Jorge Ferreira, entre outros autores.

O livro do sexto ano traz apenas a relação, feita constantemente, entre o "mundo grego antigo" e as olimpíadas atualmente. São duas páginas sobre o tema: Segue as imagens:

Figura 6 — História.doc

Jogos Olímpicos: competindo para homenagear Zeus

As origens dos Jogos Olímpicos estão ligadas à mitologia grega. A palavra **olímpico** vem de Olímpia, cidade próxima ao monte Olimpo, considerado um santuário para os gregos antigos. Acredita-se que Zeus era homenageado com competições esportivas desde 2500 a.C., mas o primeiro registro até agora conhecido de competições em Olímpia data de 776 a.C.

Os Jogos Olímpicos ocorriam de quatro em quatro anos e reuniam pessoas de diversas cidades gregas. O evento era tão importante que até as guerras e os conflitos eram suspensos por três meses de modo a tornar seguras as viagens dos atletas e dos espectadores.

A primeira modalidade de competição disputada nos Jogos Olímpicos foi a corrida. Ao longo do tempo, foram incluídos lançamento de disco e de dardo, luta, pentatlo, salto em distância e corridas de carros puxados por cavalos.

Os vencedores eram tratados como verdadeiros heróis em suas cidades de origem, podendo receber dinheiro, alimentação gratuita por toda a vida e lugar cativo em teatros. Além disso, eram homenageados em pinturas, esculturas e poemas.

Em 393 d.C., os Jogos Olímpicos foram proibidos pelo imperador romano Teodósio (347 d.C.-395 d.C.). Convertido ao cristianismo, ele proibiu o culto aos deuses gregos e todas as manifestações relacionadas a eles. Os jogos foram reinstituídos apenas em 1896, em Atenas.

Ânfora (à direita) do século VI a.C. representando uma corrida. Fundo de taça de cerâmica (à esquerda) do século V a.C. com representação de um lançador de disco. As provas dos Jogos Olímpicos foram representadas em ânforas e louças gregas.



Christian Lamieu/RMN-Grand Palais/
Musée du Louvre, Paris, França.

Reprodução/Museu de Arte Metropolitana, Nova York, EUA.

Fonte: Vainfas *et al.* (2022, p. 91).

Esse tipo de exposição é quase um "clássico" ao se tratar do assunto de "Grécia Antiga" e sua herança para os dias atuais. É bem feito, e é uma peça chave para que o educando entenda que os esportes têm um valor diferenciado desde a antiguidade. É muito comum durante as aulas, os estudantes fazerem colocações do tipo "hoje, os jogadores de futebol ganham muito". O que eles não sabem é que o que pode ser muito bem explorado pelo educador é o "status" diferenciado do atleta na sociedade, o qual é comum desde a Grécia Antiga. Os vencedores dos jogos olímpicos, em alguns casos, eram quase tratados como semideuses (ou heróis) pela sociedade. O mesmo vale para os gladiadores em Roma, que mesmo sendo escravos, ao conseguirem vencer determinados torneios organizados pelos

imperadores, eram elevados a um "status" de certos privilégios.

A outra imagem também faz referência as olimpíadas atualmente. Veja:

Figura 7 — História.doc

Não escreva no livro

Imagens contam a história

A bandeira olímpica é um dos símbolos dos Jogos Olímpicos. Criada em 1913, ela é composta de aros coloridos sobre um fundo branco. A imagem a seguir é a reprodução de uma charge sobre a participação do Brasil nos Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012. Observe a charge e responda às questões.

1. Os cinco aros entrelaçados representam os cinco continentes, e suas cores foram escolhidas porque são as que aparecem com mais frequência nas bandeiras das nações do mundo.

2. Os traços no interior do aro preto lembram o aro de uma cadeira de rodas. Desse modo, a imagem aproveita o símbolo dos Jogos Olímpicos para fazer uma referência aos atletas com deficiência física que disputam os Jogos Paralímpicos.

3. A frase nos diz que a deficiência física não é um impedimento para a participação em competições esportivas.

Charge do cartunista Dum representando os Jogos Paralímpicos de Londres, 2012.

1. Pesquise o significado dos aros coloridos entrelaçados na bandeira olímpica.
2. Na charge, o aro preto é diferente dos demais aros ilustrados e dos aros da bandeira olímpica. Identifique a diferença e interprete seu significado.
3. Converse com os colegas sobre o significado da frase do atleta na charge: "Sim, nós podemos!".

Fonte: Vainfas et al. (2022, p. 97).

Essa outra imagem traz uma reflexão interessante da atualidade, as Paraolimpíadas. Esse evento dedicado às pessoas com deficiência vem ganhando notoriedade na mídia nos últimos anos e o Brasil costuma ser bem mais eficiente do que nas Olimpíadas típicas. De acordo com o site do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), o Brasil, nos jogos Olímpicos de Tóquio, Japão, em 2021 (as olimpíadas aconteceram um ano depois por conta da pandemia de Covid-19) "[...] fez a sua melhor campanha com 72 medalhas no total, a mesma quantidade obtida nos Jogos do Rio 2016. Destas, 22 foram de ouro, superando as 21 de Londres 2012. Ainda foram mais 20 pratas e 30 bronzes no Japão." (Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2024). Ao final, algumas atividades de reflexão são interessante para consolidar essa relação entre os eventos do passado e do presente. Para finalizar, na página 98 do mesmo livro, há uma referência ao rebelde Espártaco, escravo destinado as

batalhas de gladiadores em Roma, ele foi responsável pela maior revolta escravista durante todo o Império de Roma, porém o livro não tira nenhum proveito das lutas de gladiadores como evento esportivo. É importante ressaltar que o caráter violento dos eventos pode dificultar o trabalho para uma turma de sexto ano, porém, algumas relações com a violência atualmente nos estádios de futebol, conforme já citado, poderia trazer um proveito maior do evento.

Os livros referentes aos estudantes do sétimo e oitavo ano, não foi encontrado nenhuma referência ao mundo esportivo de modo geral. Realmente são assuntos mais complexos, como Idade Média, Grandes Navegações e Revolução Francesa, Emancipação dos EUA e da América Hispânica e Portuguesa, Primeiro, Reinado, entre outros. Todavia, uma correção com a Revolução Industrial e origem do futebol, na Inglaterra, por exemplo, poderia ser explorada. Ou a vida esportiva durante a monarquia no Brasil, como o *turfe* e as regatas poderiam aparecer.

Já o livro para os educandos do nono ano traz algumas referências, ao futebol e ao boxe. Sobre o "esporte Bretão", o livro traz uma primeira reflexão sobre futebol ao falar sobre a resistência negra durante a Primeira República, veja:

Figura 8 — História.doc

Outras histórias

Não escreva no livro

Resistência cultural popular

As reformas urbanas não alcançaram a Cidade Nova, bairro de população pobre e negra, liberta da escravidão, com produção artística e cultural intensa. As "casas das tias" eram locais de reunião de artistas populares negros, que inventaram gêneros musicais afro-brasileiros, como o samba, o chorinho, o maxixe e o lundu. Esses artistas também criaram formas de festejar o Carnaval, entre elas os desfiles na praça Onze.

No início do século XX, as elites cariocas desprezavam essas manifestações culturais populares de origem negra, preferindo o Carnaval no estilo europeu. A discriminação também ocorria no **futebol**: a Liga Metropolitana tudo fez para impedir os negros de jogar nos clubes. No entanto, nos subúrbios, o esporte caiu no gosto popular. Apenas nas décadas de 1920 e 1930, a cultura musical afro-brasileira ganhou prestígio e jogadores de **futebol** negros passaram a ser reconhecidos.



Reprodução/Organização Cultural Remanescentes de Tia Ciata - ORCT

A mais famosa das "tias" era a cozinheira Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata.

1. Forme um grupo com alguns colegas e, juntos, pesquisem informações sobre os ranchos, os cordões e as primeiras escolas de samba do Rio de Janeiro.
2. Com base no material pesquisado, elaborem um produto (uma matéria de jornal, um *podcast*, um vídeo, etc.) que apresente essas manifestações carnavalescas. Procurem comentar semelhanças e diferenças em relação ao Carnaval comemorado atualmente no Rio de Janeiro.

1. Espera-se que os estudantes descubram que os ranchos carnavalescos eram cortejos

Fonte: Vainfas *et al.* (2022, p. 52).

Apesar de não haver uma forte exploração do tema, poderia ter sido usado a

história do Clube de Regatas Vasco da Gama, durante o campeonato de futebol do Rio de Janeiro em 1924. Naquele momento, o Vasco da Gama joga com um time com vários jogadores negros e acaba vencendo e causando a ira dos principais clubes da elite carioca naquele momento, como Flamengo, Botafogo e Fluminense. Além disso, o caso do jogador do Fluminense, Carlos Alberto, que passava o pó de arroz para disputar as partidas no estádio das Laranjeiras, também é um episódio poderoso para constatar a origem elitista do futebol no Brasil.

Além disso, o futebol aparece para falar das ditaduras na Argentina e no Brasil. Ambos com algumas imagens pequenas verbetes. Na página 182, os autores indicam um filme sobre a ditadura argentina²⁹ e sua relação com o futebol. Já na página seguinte, 183, é destacado em um boxê intitulado "Você já ouviu falar?" o estranho caso da Copa do Mundo de futebol de 1978, na Argentina, onde os donos da casa, precisavam vencer o Peru por quatro gols de diferença, e conseguiram³⁰.

Sobre o caso chileno, é destaque uma pequena imagem de presos políticos no Estádio Nacional, Chile em 1973:

29 Crônica de uma fuga, de Israel Adrián Caetano, Argentina, 2006. 102 min.

30 "Ditaduras e futebol: Algumas ditaduras militares sul-americanas tentaram se aproveitar da popularidade do futebol para promover o patriotismo. O caso da Copa do Mundo de 1978, sediada na Argentina, é o mais polêmico. O governo militar argentino não admitia a derrota de seu país. Para obter a vaga de seu grupo na final, os argentinos precisavam vencer a seleção peruana por quatro gols de diferença. Venceram por 6 x 0, tirando o Brasil da disputa. Boatos, nunca confirmados, sugerem que os peruanos foram subornados. No jogo final, a Argentina venceu a Holanda."

Figura 9

A ditadura

Os militares golpistas agiram com extrema violência e brutalidade. Apoiadores da Unidade Popular foram presos, bem como políticos de esquerda, sindicalistas, artistas e intelectuais. Muitos foram torturados e fuzilados. Cálculos citam mais de 3 mil mortos.

O Congresso Nacional foi fechado, a imprensa censurada, os sindicatos perseguidos e os direitos constitucionais suspensos. Qualquer oposição era reprimida com violência.

Na economia, o general Pinochet inaugurou no mundo as políticas neoliberais. Os defensores desse modelo argumentavam que o Estado deveria interferir o mínimo possível na economia. O governo chileno abriu a economia do país ao capital estrangeiro e privatizou empresas estatais e até serviços da área social, como a Previdência Social.

A ditadura chilena foi uma das mais brutais do continente americano. Mesmo assim, Pinochet foi beneficiado pelo crescimento econômico dos anos 1980. Em plebiscito realizado em 1980, obteve apoio para permanecer no cargo por mais oito anos. Porém, ao tentar uma nova prorrogação do mandato no plebiscito de 1988, foi derrotado. A sociedade chilena iniciou, então, o processo de redemocratização.

1. A Operação Condor era um acordo ilegal que envolvia a realização de atos criminosos por governos que não assumiam seu caráter ditatorial perante a opinião pública.

2. Leia a resposta neste **Manual do Professor**.

Militares vigiam presos políticos no Estádio Nacional, em Santiago, Chile, 1973. Milhares de pessoas foram mantidas prisioneiras, torturadas e algumas até mortas nas dependências do estádio de **futebol**.



Vídeo

Conexão Internacional – Operação Condor.

TV Brasil Internacional EBC, 2014, 12 min 56 s. Disponível em: <https://youtu.be/0mGocXUyE14>. Acesso em: 15 fev. 2022.

O jornalista Luiz Cláudio Cunha explica os detalhes da cooperação entre as ditaduras do sul da América do Sul e o papel dos Estados Unidos no apoio à Operação Condor, além de comentar polêmicas como a morte de João Goulart.

Fonte: Vainfas *et al.* (2022).

E por último, ao se tratar da ditadura no Brasil, encontra-se um boxe, como mesmo título já citado, em que é levantado a relação entre o futebol e a propaganda política durante a Ditadura Militar entre 1964 e 1985, com enfoque na Copa do Mundo de Futebol de 1970, no México. Segundo os autores:

"Ditadura e futebol A seleção brasileira foi vencedora da Copa do Mundo de Futebol de 1970, no México, tornando-se a primeira tricampeã. Pelé (1940-), Tostão (1947-), Rivelino(1946-), Gérson (1941-) e muitos outros craques empolgaram o povo brasileiro. A ditadura tentou tirar proveito, apresentando a vitória da seleção como se fosse uma conquista do regime." (Vainfas *et al.*, 2022, p. 223).

Na página 225, os autores indicam o filme, "O ano em que meus pais saíram de férias³¹", que conta a história de um menino que gosta de futebol durante o período da ditadura no país. Para finalizar o tema, o livro faz outra referência entre propaganda política e Copa de 1970 na página 233:

31 O ano em que meus pais saíram de férias, Brasil, 2006. Direção: Cao Hamburger. 110 min.

Figura 10

Imagens contam a história PRÁTICA DE PESQUISA

Na época do "milagre econômico brasileiro", a ditadura civil-militar produziu grande quantidade de propaganda política elogiosa ao governo. A propaganda política estava em estações de rádio, emissoras de televisão e jornais. Era comum, também, a distribuição de adesivos para colar nos vidros dos automóveis.

Algumas mensagens produzidas pela propaganda oficial afirmavam: "Este é um país que vai pra frente", "Brasil: ame-o ou deixe-o", "Pra frente, Brasil", "Ninguém mais segura este país". Na propaganda política dos militares, quem amava o país apoiava o governo militar.

- Indique elementos dos dois cartazes que reforçam as mensagens veiculadas pela propaganda política da ditadura.

Arquivo do autor/Arquivo da editora



Reprodução/Arquivo da editora



Leia a resposta e as orientações para a atividade neste Manual do Professor.

Cartazes produzidos pelo governo durante a ditadura. Algumas revistas que apoiavam o regime também associavam a ele as conquistas do povo brasileiro, como a vitória na Copa do Mundo de **Futebol** de 1970.

Fonte: Vainfas *et al.* (2022, p. 233).

Apesar de grande citações, a relação entre os eventos e o futebol aparece de maneira superficial e pouco explorada, mas é um dos livros, até o momento, que mais trouxe as relações. As série de documentários feitas pelo canal ESPN em pareceria com os historiadores Carlos Fico e Carlos Eduardo Barbosa Sarmiento, intitulado, "Memórias do Chumbo: o futebol nos tempo do Condor (Memórias..., 2012) ", trazer de uma maneira bem didática a relação de Brasil, Argentina, Chile e Uruguai com seus regimes ditatoriais, é uma maneira interessante de explorar o tema.

Mas o ponto chave é a abordagem temática dada aos filmes estrelados por Sylvester Stallone, Rocky. O capítulo 13, intitulado "A Nova Ordem Mundial, neoliberalismo e globalização", iniciado na página 234, traz várias referências ao filme:

Figura 11



O cinema e a História

Resposta pessoal. Leia as orientações para a atividade neste **Manual do Professor**.

Em 1976, um ator pouco conhecido surgiu nas telas de cinema com um filme de roteiro simples, mas elogiado pelo público. O ator era Sylvester Stallone (1946-) e o filme chamava-se **Rocky: um lutador**.

A crise econômica dos anos 1970, que atingiu gravemente os países capitalistas, é o pano de fundo do filme. Nos Estados Unidos, as cidades empobreceram, o desemprego aumentou, as mercadorias e os serviços passaram a custar mais, a criminalidade tornou as ruas perigosas e o tráfico de drogas cresceu enormemente.

O protagonista do filme, **Rocky** Balboa, mora em um bairro pobre da cidade de Filadélfia, não conseguiu estudar nem alcançar empregos estáveis. Sempre aparentando tristeza, **Rocky** trabalha carregando carnes em um frigorífico e também para um agiota. Nas horas vagas, treina boxe em uma academia.

Sem perspectivas, **Rocky** tem a oportunidade de participar de uma luta de boxe com o campeão mundial, Apollo Creed. Apesar de ser uma luta de exibição, **Rocky** levou a sério, pois não queria perder aquela grande oportunidade. O amor pela namorada, Adrian, estimula-o a treinar com dedicação.



Rocky Balboa, interpretado por Sylvester Stallone (à esquerda), e Apollo Creed, personagem de Carl Weathers (à direita), no filme **Rocky: um lutador**, de 1976.



Fonte: Vainfas *et al.* (2022, p. 234).

Mesmo não havendo qualquer tipo de ligação com o futebol, a maneira como o tema foi explorado ao longo do capítulo, é uma boa forma de ser usar qualquer esporte. Os filmes do Rocky conta a história do protagonista Rocky Balboa, um descendentes de italiano que vive na periferia de Nova Iorque, Estados Unidos, e

tem o sonho de ser um lutador. Apesar da relação estar mais ligada ao cinema, o livro mostra como a disputa entre os EUA e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, estão diretamente ligadas nos filmes. Problemas econômicos nos EUA, a crise do Petróleo, e disputa com a URSS são citados pelos autores como problemas encontrados no filme, como na página 235:

Rocky Balboa, personagem central do filme de 1976, viveu nessa época de grave crise econômica. Ele não quer fazer uma luta de exibição, mas entrar no ringue para vencer. Seria um meio para escapar da pobreza em que vivia. Três anos depois, em 1979, Sylvester Stallone retornou o cinema como Rocky Balboa, com o filme *Rocky 2: a revanche*. Ele continua passando por dificuldades: sem emprego, com uma lesão em um dos olhos, resultante da luta anterior, e com a gravidez de risco de Adrian, com quem se casou. Sem muitas opções, ele aceita o desafio de Apollo para um novo confronto. Rocky Balboa, vivendo em um mundo em crise econômica e social, tem que lutar para viver (Vainfas *et al.*, 2022, p. 235).

Já na página 241, a famosa imagem do filme *Rocky IV*, onde ele enfrenta o soviético Ivan Drago (vivido pelo ator Dolph Lundgren), mostrando a disputa entre as duas nações pelo controle econômico, político e militar do mundo.

Figura 12

História & Arte

Cinema e guerra

O cinema estadunidense não ficou indiferente à Segunda Guerra Fria nos anos 1980. Muitos filmes apoiaram Ronald Reagan e sua política externa anticomunista, enquanto outros denunciaram a possibilidade de destruição da humanidade caso houvesse uma guerra nuclear.

Em 1985, Sylvester Stallone apoiou a política agressiva de Reagan contra a União Soviética em *Rocky IV*. No filme, Rocky Balboa vai à capital soviética, Moscou, vingar a morte do amigo Apollo Creed. Rocky Balboa, representando os Estados Unidos, aparece no filme como homem com valores morais. Já Drago, boxeador da União Soviética, é apresentado como perverso, cruel e impiedoso.

Muito diferente é o caso de *O exterminador do futuro*, de 1984, estrelado por Arnold Schwarzenegger (1947-). O filme denuncia os riscos de uma guerra nuclear e, apesar de conter cenas de violência, traz mensagens pacifistas.



Em *Rocky IV*, de 1985, as mensagens anticomunistas são bem definidas: o estadunidense Rocky é honesto e leal, enquanto o lutador soviético é cruel e arrogante.

- Assista aos filmes *Rocky IV* e *O exterminador do futuro I* com atenção aos aspectos ideológicos de cada um.
 - Em *Rocky IV*, observe as mensagens anticomunistas. Anote as principais cenas em que os soviéticos são apresentados como pessoas perversas e os estadunidenses, como pessoas íntegras.
 - Em *O exterminador do futuro I*, anote os momentos em que o filme defende propostas pacifistas.
- Com base em suas anotações, elabore uma crítica dos dois filmes relacionando a Guerra Fria às obras cinematográficas. No dia combinado com o professor, as reflexões serão compartilhadas em sala. *Leia as orientações para as atividades neste Manual do Professor.*

Fonte: Vainfas *et al.* (2022, p. 241).

A coleção que está sendo introduzida na Escola Municipal Cel. Souza, é da Editora Scipione, intitulada Jovens Sapiens e escrito por Adriana Machado Dias, Keila Grinberg e Marco Pelegrini e voltada para o anos finais do Ensino

Fundamental. Com o intuito de não ficar repetitivo, não vejo a necessidade de trazer as imagens dos livros quando não houver alguma citação futebolísticas, uma vez que as análises anteriores já mostraram como são abordados os diferentes esportes nos livros didáticos. Novamente, o livro do sexto ano traz apenas relações entre o "mundo grego" e as olimpíadas modernas. Elas são feitas nas páginas 153, em uma atividade, e na páginas 175, explicando de maneira mais profunda. Já nas páginas 207 e 208³², há uma relação entre os gladiadores romanos e os eventos de MMA³³ na atualidade. Já o livro para o sétimo ano, logo no início quando há uma retomada a conceitos históricos importante ao estudantes, uma cena de futebol aparece:

32 MACHADO DIAS, Adriana; GRINBERG, Keila; PELEGRINI, Marco. Jovens Sapiens : História. 1ª ed. São Paulo: Scipione, 2022. (6º Ano).

33 Sigla que denomina "Mixes Martial Arts". Em português, Artes Marciais Mistas. É uma modalidade esportiva que combina elementos de diversos tipos de artes marciais, como o jiu-jitsu, taekwondo, karatê, boxe, entre outros.

Figura 13 — Moradores jogando futebol na praia do Pouso da Cajaíba, em Paraty (RJ), 2022.



Conceitos importantes da História

Existem conceitos indispensáveis para a realização de estudos históricos. Vamos conhecer alguns deles.

Sociedade

Quando falamos em sociedade, estamos nos referindo a um conjunto de pessoas que convivem em um determinado espaço, que seguem as mesmas regras e que compartilham **valores**, costumes, língua etc. Os relacionamentos que as pessoas de uma sociedade estabelecem entre si são chamados de relações sociais.

A sociedade é formada por grupos sociais, como a família, a escola, entre outros. O indivíduo integra-se à sociedade por meio desses grupos, que influenciam a formação de seus valores e de sua visão de mundo. Um mesmo indivíduo pode fazer parte de vários grupos sociais. Um adulto, por exemplo, convive com a família, com as pessoas do local de trabalho, com os demais moradores do bairro e com diversos outros grupos sociais.

Valores: nesse caso, conjunto de princípios culturais que permeia uma sociedade.



Fonte: Machado Dias, Grinberg e Pelegrini (2022, p. 28).

Outra página que merece destaque, pois já fora citado nesse trabalho, é a 109, onde em uma atividade sobre o contexto do Renascimento europeu, é destacado um quadro com a prática de xadrez. A modalidade era bastante jogada

durante a Idade Média e moderna, tendo como finalidade a estratégia e o pensamento rápido para sair de situações perigosas. Porém, era um jogo destinado a elite e sobretudo a homens³⁴.

O livro do oitavo ano fez algo inédito, ao meu ver, até então. Trouxe a relação entre o futebol e ensino de história que, inclusive, costumo usar ao se tratar do operariado durante a Revolução Industrial, tanto na Inglaterra, durante o século XIX, quanto no Brasil, no início do século XX. Todavia, os autores vão além, trazem uma reflexão sobre a questão de gênero no futebol atualmente que vale destacar:

34 Machado Dias, Grinberg e Pelegrini (2022, p. 109)

Figura 14 — Página livro do livro de história "Jovem Sapiens"

A vida social dos operários

As condições de vida dos operários ingleses eram bastante difíceis. Por receberem baixos salários, eram obrigados a viver em moradias precárias. Além disso, o alto custo do transporte os forçava a morar em bairros precários próximos às fábricas, em contato diário com a poluição.

Apesar da rotina extenuante de trabalho, os operários encontravam tempo para o lazer, como ir às feiras, frequentar teatros e praticar esportes.

Nas feiras, as pessoas tocavam instrumentos musicais, cantavam, dançavam e jogavam cartas. No século XIX, surgiram vários teatros voltados para as classes trabalhadoras, que passaram a frequentá-los. Havia também a prática de esportes, como a corrida, a luta de boxe e o **futebol**.

O futebol

Um dos esportes mais populares do mundo, o **futebol** — *football*, em inglês — surgiu na Inglaterra, na época da Revolução Industrial.

Inicialmente praticado apenas pela elite, o **futebol** passou também a fazer parte da vida dos operários ingleses a partir de meados do século XIX. Esse esporte teve suas regras institucionalizadas em 1863, com a criação da *Football Association*, um órgão formado por representantes dos times daquela época.

Na Inglaterra, no final do século XIX, algumas mulheres também praticavam **futebol**. Em 1894, por exemplo, foi fundado em Londres o *British Ladies' Football Club*. Após algumas décadas, as operárias formaram times femininos nas fábricas.

Primeira partida do *British Ladies' Football Club*. Ilustração de Henry Marriott Paget, publicada no jornal *The Graphic*, 1895.



REPRODUÇÃO DO JORNAL THE GRAPHIC, VOLUÇÃO INDUSTRIAL

Geralmente, o futebol é mostrado na ótica masculina, sem um volume de obras consideráveis sobre as mulheres praticando a modalidade esportiva, sobretudo na Inglaterra, durante o surgimento do esporte, e principalmente aqui no Brasil. Mas o livro vai além, traz um texto de suporte para o professor bem interessante, pois ele debate o futebol e gênero e misoginia na sociedade. o artigo é intitulado "Futebol feminino, identidade de gênero e sexismo"³⁵. Trabalhar esse tema em sala de aula é fundamental principalmente pelo crescimento no futebol feminino no cenário nacional e internacional. A Copa do Mundo de Futebol Feminino, em 2023, na Austrália, teve a maior público total da história da competição³⁶.

Por último, a coleção, o livro do nono não traz nada de significativo sobre esportes ou futebol. Há apenas a indicação do filme brasileiro "Quando meus pais saíram de férias", já citado em outros livros.

Para finalizar as análises dos livros de Ensino Fundamental, sigo com uma coleção usada em uma das escolas particulares em que atuo na cidade de Juiz de Fora. O sistema adotado é da editora SOMOS Sistema de Educação e a coleção chama PH. Nela, cada ano é dividido em quatro livros, ou seja, total de dezesseis livros. Os livros do sétimo ano não foi encontrado nenhuma relação com o futebol e qualquer outro esporte, algo diferente dos demais livros da coleção PH que foram encontrados reflexões importantes.

Nos livros direcionados ao sexto ano, no caderno dois, na página 180 e 181, encontra-se uma situação-problema em que é pedido ao educando a pesquisa sobre personalidades africanas, entre elas, os jogadores de futebol Sadio Mané e Mohamed Salah. Uma proposta legal uma vez que são dois jogadores mundialmente conhecidos³⁷. Além disso, nas páginas 230 e 231 fazem relações dos jogos olímpicos da antiguidades com os modernos com foco nas Paraolimpíadas. Já o livro três, na páginas 131, no assunto sobre Roma Antiga, o livro traz um box interessante com o clube de futebol, do mesmo nome, situado na atual capital italiana: o Associazzone Sportiva Roma. Veja:

35 BRANCHER, Emerson Antônio; PEREIRA, Emanuel Vinícius Petri; MOURA, Leticia Maria de; SILVA, Sara Regina da; DALMOLIN, André Gustavo. Futebol feminino, identidade de gênero e sexismo. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, São Paulo, v. 14, n. 57, jan./fev./mar./abr. 2022. p. 77, 79. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1214>

36 O GLOBO. Copa do Mundo Feminina atinge recorde de público total nos estádios. oglobo.com. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2023/08/06/copa-do-mundo-feminina-atinge-recorde-de-publico-total-nos-estadios.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2024

37 CAL, Rafael; MATEUS ANTUNES DOS SANTOS FREIBERG, Rafaela; RIBEIRO LIMA, Tassia. PH: 6º Ano. 2ª ed. São Paulo: SOMOS Sistema de Ensino, 2024. p.181.

Figura 15 — Recorte da página 131 do livro PH: 6º Ano

As duas imagens apresentadas nesta seção fazem referência à história romana. O escudo do time representa o mito de origem de Roma, com a loba amamentando os gêmeos Rômulo e Remo. Na segunda imagem, as camisas dos jogadores têm as letras SPQR, sigla para "O Senado e Povo Romano" (em latim, *Senatus Populusque Romanus*). A frase faz referência à República em Roma e ao papel do Senado e dos cidadãos romanos. A existência da referências à Roma antiga, mesmo que ressignificadas, demonstra a influência do passado romano na atualidade.

Para explorar

Observe as imagens a seguir.




Escudo da Associação Sportiva Roma (Associação Esportiva Roma), também conhecida como AS Roma, time de futebol da capital da Itália.

Jogadores da AS Roma na final do campeonato *Europa League* (Liga da Europa), Budapeste, Hungria, 2023. No uniforme da equipe consta a inscrição SPQR, sigla para *Senatus Populusque Romanus*, que significa "O Senado e o povo romano".

Pesquise como essas imagens podem ser relacionadas à história da Roma antiga. Em seguida, elabore um breve texto com os resultados da pesquisa.

Fonte: Cal, Mateus Antunes dos Santos Freiberg e Ribeiro Lima (2024, p. 131).

As atividades propostas são bem marcantes nessa construção entre passado e presente, uma vez que a pesquisa sobre o escudo do clube junto com as siglas, trazem para o educando a possibilidade de entender como ainda é viva, de certa forma, a memória das glórias da civilização romana na capital italiana.

No último livro do sexto ano, o módulo 20 chamado de "O surgimento do Islã e a expansão árabe", iniciado na página 112, é aberto com uma reportagem do site Globo Esporte. A reportagem é intitulada O encontro da religião com o futebol: Catar possui quase 800 mesquitas "O encontro da religião com o futebol: Catar possui quase 800 mesquitas". A reportagem procura o estudante a pensar como a relação entre a Copa do Mundo do Catar, em 2022, e a religião pode ser vista como um evento chave para entender assuntos como a intolerância e a tolerância religiosa. É uma discussão muito boa para começar um capítulo em que os protagonistas são os árabes e o islã. Ainda no mesmo capítulo, na páginas 120, um pequeno box intitulado "Caixa do Saber" traz a história da conversão de Casius Clay, pugilista estadunidense, ao islã e assumindo o nome de Muhammed Ali.

os livros do oitavo encontram-se mais a temática do futebol no ensino da história. Muito se deve ao surgimento da discussão de nacionalismo que geralmente é abordado a partir desse ano. No primeiro livro, futebol e revolução industrial são novamente entrelaçados com uma atividade na página 175. Segue o texto e a atividade:

Figura 16

medievais, os operários se revoltaram contra as impia-
veis máquinas do tempo.
[...]

VERÍSSIMO, Suzana. *Relógio: Máquina do tempo. Superinteressante*. São Paulo, 31 ago. 1988.
Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/relógio-maquina-do-tempo>>.
Acesso em: 26 jul. 2019.

1 Segundo o texto, qual é a importância do relógio no contexto da Revolução Industrial?

Separar o tempo que pertencia aos trabalhadores e aos patrões, permitindo a estes impor as horas de trabalho e a produtividade determinada aos operários.

2 Como era a vida dos operários antes da imposição do uso do relógio?

Os operários tinham o controle sobre seu tempo, adequando as horas de trabalho ao restante de seus interesses cotidianos.

4 Leia o trecho a seguir e responda à questão.

[...]

Durante a Revolução Industrial, a Inglaterra tinha duas classes sociais: a burguesia e os operários. Foi nesse período que o futebol nasceu, em um momento de industrialização. Na época, burgueses e operários viviam separados em bairros diferentes e bem distantes. Os operários viviam em bairros pobres, onde as casas eram pequenas, as ruas eram mal iluminadas, sujas e a violência urbana era alta, devido a roubos e prostituição. Os burgueses viviam em bairros ricos, onde as casas eram grandes e arquetadas, as ruas tinham boa iluminação, as calçadas eram limpas, além disto, havia parques para que as famílias pudessem passear com seus filhos após o expediente de trabalho.

Foi nos bairros burgueses de classe média alta da Inglaterra que o futebol passou a ser praticado. Só os filhos da alta sociedade podiam praticar o esporte como uma recreação, porque não se pensava em profissionalismo.

Da metade para o final do século XIX, o futebol foi se popularizando na Inglaterra, os operários começaram a praticar o esporte ao lado das fábricas até chegar aos lugares mais distantes, como nas empresas de mineração afastadas das cidades. O futebol começou a se espalhar para o interior da Inglaterra, graças ao símbolo da Revolução Industrial: o trem e suas ferrovias, pessoas de outras cidades aprendiam a jogar e levavam o esporte para a sua cidade natal. Foi assim que o futebol se tornou um esporte de massa na Inglaterra. [...]

GIMENES, Rafael Florencio Casanova. *História do futebol*. Minha coleção. Disponível em: <<http://minha-colecao.blogspot.com.br/p/historia-do-futebol.html>>.
Acesso em: 29 jul. 2019. Adaptado.

Relacione a criação e a expansão do futebol ao contexto da Revolução Industrial inglesa.

No início de seu surgimento, o futebol era um esporte praticado apenas pelos burgueses. Com o passar do tempo, passou a ser jogado pelos operários ao lado das fábricas, e, com isso, a prática do esporte se disseminou para várias partes do país, popularizando-se.

Fonte: Scherer Neves da Rocha *et al.* (2020, p. 174-175).

Correlacionar o futebol e a revolução industrial é uma maneira de mostrar que o esporte ele até surge com uma ideia de lazer para a classe operária, mas que rapidamente ela vira um "problema" para as autoridades inglesas. Torna-se "caso de polícia", assim como aconteceu no Brasil nos primórdios. Já no livro quatro do oitavo ano, na página 156, a temática volta a ser abordada, veja o recorte:

Figura 17 — Recorte da página 156 do livro PH: 8º ano

PARA COMEÇAR

A rivalidade entre Manchester United e Liverpool é bastante conhecida. Donos das duas maiores torcidas de **futebol** da Inglaterra, os dois times são os principais vencedores do campeonato inglês. Aqui no Brasil também são muito populares, sobretudo por causa da transmissão dos jogos pela TV e pela internet. O que talvez não seja tão conhecida assim é a origem dessa rivalidade.

Leia o texto a seguir.

Liverpool × Manchester United: saiba como a maior rivalidade da Inglaterra começou



Carl Richards/Reuters/CORBIS

Jogadores do Liverpool e do Manchester United em campo, durante uma partida. As duas cidades são rivais dentro e fora de campo desde o século XIX.

A maior rivalidade do **futebol** inglês é entre os dois maiores vencedores: Manchester United e Liverpool. São 20 títulos nacionais dos Red Devils contra 18 dos Reds, que superaram os adversários em número de Champions Leagues: 5 a 3. Mas essa disputa começou longe da bola.

As cidades se desentenderam durante a Revolução Industrial do país. Liverpool era o grande porto da Inglaterra e Manchester era a cidade de maior importância no setor têxtil.

Em certo momento, a indústria de Manchester achou que Liverpool estava cobrando muito para receber e transportar o material das docas e decidiu construir um canal próprio. Com muito orgulho, o Manchester Ship Canal foi inaugurado. Com isso, as cidades e seus trabalhadores viraram grandes rivais.

LIVERPOOL × Manchester United: saiba como a maior rivalidade da Inglaterra começou. ESPN, 9 mar. 2016. Disponível em: <www.espn.com.br/videos/570436_liverpool-x-manchester-united-saiba-como-a-maior-rivalidade-da-inglesa-comecou>. Acesso em: 14 jan. 2020.

Fonte: Scherer Neves da Rocha *et al.* (2020, p. 156).

Aproveitando o assunto sobre a origem operária dos times, uma comparação entre os times da 1ª divisão da Inglaterra com os times da 1ª divisão do Brasil é bem interessante de ser feita no ambiente escolar. Em uma pesquisa sobre os clubes, prática relativamente rápida, é possível notar que os times brasileiros que estão na elite do futebol, dificilmente possuem origem popular. Salvo o Vasco da Gama e mais tarde o Corinthians, nenhum outro clube, em sua origem, é ligado a classe trabalhadora³⁸. Essa realidade é bem diferente nos clubes ingleses, onde Liverpool, Manchester United e Arsenal, entre outros, tem estreita ligação com a classe operária em suas gêneses.

O livro um do oitavo ano ainda tem outra discussão bem pertinente sobre o futebol e xenofobia. Segue o pedaço da página 237:

³⁸ Essa dissertação está em fase de elaboração em 2024, ou seja, atualmente, não encontram-se clubes de origem operária na "Série A" do Brasileirão. Apesar do Criciúma fazer parte dos vinte clubes, ele não está diretamente ligado a classe trabalhadora.

Figura 18 — Fragmento da página 237 do livro PH: 8º Ano

SITUAÇÃO-PROBLEMA

Leia o trecho e, em seguida, faça o que se pede.

Avante, filhos da Pátria,
O dia da Glória chegou.
O estandarte ensanguentado da tirania
Contra nós se levanta.
Ouvís nos campos rugirem
Esses ferozes soldados?
Vês eles até nós
Degolar nossos filhos, nossas mulheres.
Às armas cidadãos!
Formais vossos batalhões!
Marchemos, marchemos!
Nossa terra do sangue impuro se saciará!
[...]

*A Marselhesa [La Marseillaise], composta por Claude Joseph Rouget de Lisle em 1792.
Disponível em: <https://bcambalfrance.org/A-Marselhesa>. Acesso em: 13 ago. 2019.*



Karim Benzema, jogador da seleção francesa de futebol, comemora seu gol na partida da França contra Honduras pela Copa do Mundo. Estádio Beira-Rio, Porto Alegre (RS), 2014.

Na Copa do Mundo de Futebol de 2014, no Brasil, alguns jogadores da seleção francesa se recusaram a cantar o hino nacional da França, *A Marselhesa*, em protesto contra a xenofobia. Esse foi o caso de Benzema, o artilheiro da França na Copa. Benzema, filho de imigrantes argelinos, assim como outras personalidades francesas, critica *A Marselhesa* por causa de versos como “às armas cidadãos! / Formai vossos batalhões! / Marchemos, marchemos! / Nossa terra do sangue impuro se saciará!”, que, além da apologia à violência, no contexto atual do país, acabam sendo interpretados como uma referência aos imigrantes e seus filhos.

Glossário

Xenofobia: preconceito com quem é estrangeiro em um país.

Existe um movimento atual na França para que o hino nacional mude. *A Marselhesa* surgiu como um canto revolucionário num contexto de guerra, em 1792, quando batalhões franceses se mobilizavam contra exércitos estrangeiros para conter a Contrarrevolução. Assim, *A Marselhesa* não seria mais adequada às circunstâncias atuais do país, marcado pelo multiculturalismo e fora de um contexto revolucionário.

MÓDULO 7
HISTÓRIA
237

Fonte: Scherer Neves da Rocha *et al.* (2020, p. 237).

Na box "situação-problema" o hino francês, motivo de orgulho nacional, é destaque junto com um personagem bem controverso para o futebol e para a sociedade francesa. Karim Benzema é tido com um dos grandes atacantes do momento, sendo artilheiro e um dos principais jogadores do Real Madrid, seu ex-club. Porém, apesar do sucesso no clube espanhol, ele foi convocado pouquíssimas vezes para a seleção nacional da França. O motivo é descrito em uma orientação para o professor ao lado, quando ele e outros jogadores da seleção francesa se recusaram a cantar o hino nacional na Copa do Mundo de Futebol no Brasil, 2014. Algo parecido aconteceu 2016, quando o *quarterback*, Colin Kaepernick, do San Francisco 49ers, da NFL, canto o hino dos EUA ajoelhado em protesto contra as desigualdades raciais em seu país. A punição foi tão severa que até hoje ele não voltou a atuar por nenhum clube da principal liga de Futebol Americano dos Estados Unidos. O envolvimento entre nacionalismo e futebol é certamente um dos pontos mais certo, pois há inúmeros casos ao longo da história, inclusive, o desse trabalho.

Os livros do nono ano dos anos finais do Ensino Fundamental possuem várias páginas destinadas ao futebol, inclusive uma citação a Democracia Coríntia no

livro quatro. São os livros, que, até o momento, mais abordam a temática até o momento.

O assunto começa a ser explorado já no livro dois inicialmente pela Era Vargas, que na página 197, tem um parágrafo falando da "troca simbólica" entre o governo de Vargas e os trabalhadores:

A ideia de valorização de elementos populares, como o samba, o carnaval, o futebol, a capoeira, entre outros, reforçava a ideia de que o trabalhador (sua produção e suas práticas) era parte do Estado e contribuía da própria construção da brasilidade. A inclusão de sambas na programação da Rádio Nacional, uma das mais populares à sua época, e o destaque de Leônidas da Silva, um atleta negro que se tornou ídolo da seleção brasileira de futebol e de clubes populares como Flamengo e São Paulo, exemplificam essa postura (Scherer Neves Da Rocha *et al.*, 2020, p. 197).

Leônidas da Silva, o Diamante Negro, é inclusive explorado em outra página do livro. Veja:

Figura 19 — Página completa do livro PH: 9º ano

SITUAÇÃO-PROBLEMA

O Diamante Negro



Como materializar o prazer de ver Leônidas da Silva desfilando nos gramados? Talvez somente uma substância capaz de inundar o cérebro de êxtase: o chocolate. No período em que o mundo da bola transitava entre o amadorismo e o profissionalismo, os pés de um homem inspiraram uma geração inteira e ajudaram a difundir o futebol como um esporte tipicamente brasileiro. Das peladas em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, para as prateleiras dos supermercados, o Diamante Negro brilhou e transcendeu o tempo presente para ficar para sempre nos livros de História. Sim, um apelido de jogador de futebol virou nome de chocolate. E não era um jogador qualquer. Era, simplesmente, um fora de série. Fosse vivo, Leônidas completaria 100 anos nesta sexta-feira. Porém, a eternidade da sua obra de arte mais conhecida, a bicicleta, jogada das mais difíceis de serem executadas e que o centroavante fazia com maestria, estará garantida até que o último campo de terra batida desapareça.

Seduzida pela fama alcançada pelo melhor jogador e artilheiro da Copa do Mundo de 1938, com sete gols, a fábrica Lacta resolveu rebatizar um de seus produtos mais badalados em uma homenagem ao atacante [...] o primeiro chocolate crocante do Brasil passou a se chamar Diamante Negro. Além de popularizar o futebol e, sobretudo, o Flamengo, a imagem de Leônidas alavancou a venda da barra. [...]

— Em 1938, Leônidas da Silva se consagrou como melhor jogador da Copa do Mundo. Nesse mesmo ano, a Lacta criou o primeiro chocolate crocante do país e buscou atrelar a popularidade do jogador ao novo produto — explicou a Lacta em nota.

[...]

O mito que foi Leônidas não se baseia apenas nas lembranças daqueles que o acompanharam. Os números também sustentam seus feitos. Afinal, ninguém possui uma média de gols maior com a camisa da seleção brasileira. Foram 38 tentos em 38 partidas — um gol por jogo. Somente em Copas do Mundo, balançou a rede oito vezes em cinco partidas.

— Era um artilheiro espetacular. Um grande jogador. Técnico, rápido, sabia tudo. Era simplesmente um craque — disse aquele que entende do assunto: Ademir da Guia, um dos maiores ídolos do Palmeiras e filho de Domingos da Guia, grande amigo de Leônidas.

Pelo clube que o alavancou, o Bonsucesso, Leônidas colocou seu nome em definitivo no livro da eternidade. Foi vestindo a camisa do Leão da Leopoldina que executou, pela primeira vez, a bicicleta, jogada da qual não foi inventor, mas que de longe foi o maior executor. O estádio do clube por onde marcou o primeiro gol dessa maneira, inclusive, ganhou seu nome.

— Leônidas era o Pelé da época. No entanto, foi Pelé numa época em que ainda não existia a grande mídia. Um jogador fora de série — resumiu André Ribeiro, jornalista responsável pela biografia mais completa do jogador.

TRICORNIA, Chandy et al. Histórias incríveis: o mito Leônidas, diamante da bola, batiza chocolate. Globo.com, 7 out. 2013. Disponível em: <http://globo.com/globo.com/13/terra-lagoa-lacta/historia/2013/09/historias-incriveis-o-mito-leonidas-diamante-da-bola-batiza-chocolate.html>. Acesso em: 9 out. 2019.

Com base no texto e em seus conhecimentos, reflita sobre as seguintes questões:

- O futebol se popularizou ao longo dos anos 1930 e 1940. Qual é a relação com a Era Vargas?
- De que maneira a história de Leônidas se relaciona com as ideias presentes no Estado Novo?

HISTÓRIA MÓDULO 10 **218**

Fonte: Scherer Neves da Rocha *et al.* (2020, p. 218).

O texto traz uma rápida biografia do jogador que é o primeiro "pop-star" do futebol brasileiro. Tamanha idolatria o fez receber uma homenagem da marca de chocolate Lacta. As reflexões propostas pelos autores incentivam os educandos a pensarem que o futebol, já nessa época, era amplamente explorado pelo poder público. Vargas é o responsável pela "unificação" da CBD com a FBF e o fim do amadorismo do futebol brasileiro, sobre o tema, Maurício Drumond cita:

Com o fim do dissídio em 1937, a seleção brasileira pôde disputar a Copa do Mundo de 1938 com seus principais jogadores. A Copa de 38, na França, deixaria ainda mais evidente a aproximação do "pai dos pobres" com o futebol. Além de conceder uma alta subvenção à delegação brasileira para as despesas com o campeonato, o presidente da República fez questão de cumprimentar os jogadores antes do embarque para a França, deixando

clara a importância que o título teria para o futuro da nação. Getúlio Vargas dispensou atenção especial à grande estrela da seleção, Leônidas da Silva. Leônidas, conhecido também como Diamante Negro, era o maior ídolo do futebol brasileiro. Ao lado de Getúlio Vargas e de Orlando Silva, foi um dos brasileiros mais populares durante a Era Vargas (Drumond, 2009, p. 401-402).

No livro dois, ainda é citada uma reportagem sobre um atentado da seleção de Togo durante uma partida que seria disputada em Cabinda, região separatista de Angola. A reportagem não faz grandes reflexões sobre o futebol africano e as lutas separatistas, apenas pergunta relacionando com o processo de Descolonização da África no século XX³⁹.

O livro três mais conexão são feitas entre o futebol e a história brasileira. A primeira é a conquista do primeiro título da Copa do Mundo de Futebol da FIFA, disputada na Suécia em 1958.

Figura 20 — Recorte da página do livro três do PH: 9º ano

A sociedade no período JK

O governo JK contou com grande euforia inicial. A aliança entre PSD e PTB simbolizava a vitória do espírito getulista. João Goulart atuou como intermediário na relação com os trabalhadores durante todo o governo. A aliança foi capaz de manter um ambiente de relativa paz social, apesar da atuação do governo na economia (como visto na página anterior). Inicialmente as greves foram limitadas, porém elas cresceram em importância no final do mandato de JK, evidenciando o problema da inflação e as críticas ao governo.

Foi também nessa época que atuaram com bastante intensidade no meio rural as **ligas camponesas**, movimentos que tinham origem na busca de práticas assistenciais, mas que aos poucos se tornaram protagonistas nas lutas pela reforma agrária. A questão fundiária brasileira continuava a ser um ponto pouco aprofundado, mesmo pelos políticos herdeiros do legado de Vargas.

No campo da cultura brasileira, não era apenas a Bossa Nova que se destacava. A sétima arte encontrava no **Cinema Novo** algo distinto de tudo aquilo que Hollywood representava naquela época, pois rompia com os modelos estadunidenses, buscando representar a realidade brasileira. Esses artistas não pretendiam alcançar a técnica apurada e a perfeição artificial dos filmes hollywoodianos. Pelas mãos de cineastas como Glauber Rocha, a filmagem podia sair tremida e a luz das cenas nem sempre enfatizava a beleza de seus atores, mas suas obras deveriam propor uma estética nacional. Era como se o Modernismo da Semana de 1922 chegasse aos cinemas. O sertão, o sertanejo, as injustiças, a fome e o misticismo do país ganhavam as telas do cinema nacional.



Seleção brasileira campeã da Copa do Mundo de Futebol realizada na Suécia em 1958.

Durante o período, outro aspecto da cultura brasileira caminhava em direção à sua consolidação identitária. JK foi o primeiro presidente que transformou a Copa do Mundo de 1958 em recurso governamental. Nesse ano, o Brasil conquistou a primeira vitória na Copa do Mundo, e a euforia do futebol foi utilizada como instrumento político. A pátria começava a assumir suas chuteiras como traje do dia a dia e JK ganhava a fama de presidente “pé-quente”.

Fonte: Scherer Neves da Rocha *et al.* (2020, p. 160).

³⁹ Scherer Neves da Rocha *et al.* (2020, p. 277-278)

Note que o último parágrafo começa a expressar que a relação entre futebol e política começava a se estreitar durante o governo de Juscelino Kubistchek e que mais tarde seria amplamente usada pelos militares. Apesar de Vargas ter iniciado esse movimento, a proximidade ganhava cada vez mais força a partir da década de 1950, movimento esse que parecia estar em consonância com o resto da América Latina.

Na página 168, da abertura do capítulo concentrado no Golpe de Estado Civil-militar de 1964, no box "Para Começar" ele traz duas imagens interessantes para se pensar:

Figura 21 — Recorte da página 168 do livro três do PH: 9º Ano.

PARA COMEÇAR

O aumento do valor da passagem do transporte público em São Paulo foi o estopim para uma onda de protestos em junho de 2013. Tais manifestações, que se espalharam por várias cidades do Brasil, tiveram a participação de diversos movimentos sociais e de alguns partidos políticos, que denunciavam a corrupção, a má qualidade dos serviços públicos e o excesso de gastos do governo com os preparativos de grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

Houve grande repressão das forças policiais nos primeiros protestos, que acabaram fortalecendo-os e trazendo outros setores para as ruas, e a repercussão na mídia nacional e internacional obrigou autoridades municipais a voltar atrás em algumas decisões, como a que aumentava a tarifa dos ônibus em algumas cidades. Além disso, o Congresso Nacional votou favoravelmente à decisão de tornar a corrupção crime hediondo e proibiu as votações secretas.

Esses protestos, ocorridos em 2013, levaram milhares de pessoas às ruas. No entanto, esse movimento não era exatamente uma novidade, visto que, por diversas vezes, ao longo da nossa história, a população mobilizou-se pelas mais distintas questões. Em 1964, alguns setores sociais manifestaram sua insatisfação com o governo de Jango – como João Goulart era conhecido popularmente.

Estas imagens fazem referência, respectivamente, às manifestações ocorridas no Brasil em 1964 e em 2013.



Marcha da Família com Deus pela Liberdade, ocorrida em várias cidades do Brasil em 1964. Na foto, manifestantes no Recife em abril de 1964.



Em muitas cidades brasileiras houve, em 2013, manifestações contra a corrupção e descontentamentos gerais com a política. Na foto, manifestantes no Rio de Janeiro.

Quais semelhanças e diferenças você consegue identificar nas imagens? As manifestações parecem ter os mesmos componentes? Os objetivos são semelhantes? Por quê?

Fonte: Scherer Neves da Rocha *et al.* (2020, p. 168).

As duas imagens trazidas pelos autores fazem referências a situações

políticas que acabaram levando a mudanças na política nacional. Em 1964, a "Marcha da Família com Deus pela Liberdade" quase que chancelou o golpe pelos militares, mostrando que também era desejo da parcela da sociedade civil. Já em 2014, quase 50 anos depois, o episódio que começa com uma contestação ao aumento das tarifas de ônibus no estado de São Paulo e depois se expande para os demais assuntos, como a corrupção na construção dos estádios para a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e as Olimpíadas em 2016, no Rio de Janeiro, foram a força motriz para a retirada da então presidenta Dilma Rousseff do poder, em 2016. A análise que acabei de fazer não é citada no "Manual do Professor", mas me parece muito mais lúcida que simplesmente trazer uma comparação de "liberdade de expressão" feita pelos autores.

Para finalizar o terceiro livro, a Copa do Mundo de Futebol de 1970, no México e o tricampeonato no Brasil são novamente explorados.

Figura 22 — Recorte da página do livro três do PH: 9º Ano

O uso político da propaganda

O governo Médici utilizou amplamente a propaganda com o intuito de divulgar as realizações e o projeto ideológico do regime militar. Desse modo, era muito comum encontrar, em cartazes e *outdoors*, *slogans* que transmitem a ideia de um Brasil grande, com o objetivo de exaltar a nação. Por isso, uma característica política do governo Médici foi o **nacionalismo ufanista**.

Além disso, a ditadura legitimava suas ações afirmando que elas resultariam no desenvolvimento do Brasil e eram necessárias para livrar o país do "perigo vermelho", ou seja, da ameaça comunista. Para o regime militar, aqueles que não compartilhassem de seu projeto ideológico deveriam deixar o país ou seriam eliminados.

Em 1970, o Brasil venceu a Copa do Mundo, obtendo o título de tricampeão mundial. Essa conquista consolidou o país no cenário do futebol mundial, e a ditadura civil-militar associou o êxito da seleção ao contexto político nacional. O objetivo da propaganda do governo era convencer a população de que a vitória brasileira na Copa do Mundo era resultado do regime militar, que tinha assegurado ao Brasil o fim da ameaça comunista, o desenvolvimento do país e sua projeção para o mundo.

Médici carregando taça da Copa do Mundo de 1970 após o Brasil conquistar o tricampeonato.

Glossário

Ufanista: que tem orgulho exagerado da nação.



Slogan de campanha publicitária realizada durante o governo Médici, em abril de 1970, incentivando o nacionalismo ufanista.



Fonte: Scherer Neves da Rocha *et al.* (2020, p. 195).

O nacionalismo ufanista, como destacado, o futebol e propaganda são elementos chave do elo futebol-ensino de história. Como já dito em outros momentos, talvez um destaque mais com uso de mais recursos didáticos poderia mostrar o quanto a Copa de 1970 foi amplamente explorada pelos militares, sobretudo o General Médici, popularizando o "rito" do presidente da república desejar "boa sorte" aos selecionados antes da partida para a Copa. Assim como a recepção dos

mesmo após a vitória. Vinte e quatro anos depois, o então presidente Itamar Franco e em 2002, Fernando Henrique Cardoso, também realizaram os mesmos "ritos" na vitória do tetra e o pentacampeonato mundial. O tema é encerrado com duas perguntas, uma na página 197⁴⁰ e outra na página 197 e 198, inclusive com o um trecho de um texto já utilizado nesse trabalho da autora Lívia Gonçalves Magalhães⁴¹.

O livro quatro foi o que mais me chama atenção até o momento, aparece pela primeira vez a Democracia Corinthiana em um livro didático:

Figura 23 — Recorte do livro quatro do PH: 9º Ano.

Documentário mostra luta de jogadores contra a ditadura

Movimentos culturais se uniram e tentaram driblar a censura imposta pela ditadura militar no Brasil. O que muita gente não sabe é que, já no fim do regime, foi o futebol corinthiano que fez um verdadeiro gol de placa contra a repressão. Esse capítulo pouco falado sobre nossa história está em *Democracia em preto e branco*, de Pedro Asberg, que estreia hoje nos cinemas.

Década de [19]80, São Paulo. Tentando se salvar do rebaixamento, o Corinthians decide implantar um sistema democrático, baseado no voto e no diálogo entre seus integrantes – coisa inédita até então. Jogadores como Sócrates, Casagrande e Wladimir logo perceberam que, em plena ditadura, aquele movimento poderia ser útil muito além do gramado.

"Aquele grupo decidiu que deveriam participar mais ativamente das decisões que cabiam à rotina deles, mas, principalmente, mostrando que o jogador de futebol deve e pode participar ativamente da sociedade", comenta o diretor.



Sócrates com a camisa que pede eleições diretas para governador, em 1982.

Mas o campo também se tornou palanque para o time, que chegou a jogar com a frase "Dia 15, vote" estampada na camisa, afrontando os militares e incentivando as eleições diretas para governador, em 1982. A iniciativa repercutiu entre a torcida, jornais e as classes política e artística da época, ganhando aliados como Rita Lee, que, além de corinthiana, é narradora do filme.

Enquanto as bandas de rock dos anos [19]80 gritavam ideias libertárias no rádio, a Democracia Corinthiana também promovia sua ideologia, através do esporte. "Já não se fazem mais Sócrates e Casagrandes como antigamente. O panorama atual dos jogadores é de pessoas que estão mais preocupadas com o cabelo e com a roupa do que em participar da sociedade em geral", lamenta o cineasta.

DOCUMENTÁRIO mostra luta de jogadores contra a ditadura. *O Dia*, 29 out. 2014. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/corintiano/diversao/2014-10-30/documentario-mostra-luta-de-jogadores-contra-a-ditadura.html>>. Acesso em: 7 fev. 2020.

O texto trata do período entre 1981 e 1985, no qual as decisões internas do clube de futebol paulista Corinthians eram tomadas por votação entre os funcionários (jogadores, roupeiros, pessoal da administração, etc.), o que ficou conhecido como "democracia corinthiana".

Era a época de Sócrates, Wladimir e Casagrande no clube. Os atletas eram ouvidos em todas as questões, desde uma nova contratação para o time até o local das concentrações. A democracia dentro de campo inspirou a luta fora dele, e eram comuns as declarações de Sócrates e Casagrande a favor do fim da ditadura. Sócrates chegou a declarar publicamente que, caso a emenda das diretas fosse aprovada, ele não se transferiria para jogar na Itália.

Com base nesse fato, o que você acha do envolvimento de jogadores de futebol na política? Que importância as declarações de atletas de um time com uma grande torcida como o Corinthians podem ter tido no período da ditadura?

Fonte: Scherer Neves da Rocha *et al.* (2020, p. 143).

40 Scherer Neves da Rocha *et al.* (2020, p. 197)

41 Scherer Neves da Rocha *et al.* (2020, p. 197-198)

O trecho da reportagem sobre o documentário *Democracia em Preto e Branco* (já citado no presente trabalho) junto com o pequeno dos autores, mostram, de forma breve, o que esse trabalho quer chegar. Mostrar como o evento conhecido como Democracia Corintiana tem papel no processo de Redemocratização do Brasil na década de 1980. É uma reflexão inicial trazida pelo livro que no próximo capítulo pretende-se um projeto um pouco mais elaborado para que os professores, sobretudo os que atuam na Educação de Jovens e Adultos, possam utilizar com mais calma e de maneira mais abrangente. Finalmente, na página 216, novamente as passeatas de 2013 são lembradas relacionando-as com o impedimento da então presidenta Dilma Rousseff.

4.5 O LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO MÉDIO

Como já mencionado, em uma escola na cidade de Juiz de Fora, trabalho, também, com o ensino médio. A proposta das escolas particulares para esse segmento, parece-me diferente, pois os livros são mais conteudistas, menos reflexivos e há menos tempo para o trabalho de forma crítica dos conteúdos. Como os livros estão adaptados ao "Novo Ensino Médio" aprovado em 2017⁴², a redução na carga horária para o ensino de história, e outras disciplinas, foi bem determinante para que houvesse uma precariedade da atuação docente, segundo Ferretti:

O segundo refere-se ao §3 do mesmo artigo, o qual estipula como obrigatórios durante os três anos do Ensino Médio, e apenas eles, os componentes curriculares Língua Portuguesa e Matemática, seja como parte da formação geral, seja sob a forma de itinerário formativo. Essa prescrição é justificável, de um lado, porque são componentes curriculares cujo domínio interfere na aquisição de conhecimentos e, segundo o espírito da Lei, no desenvolvimento de competências e habilidades, concernentes a outros componentes curriculares. Têm, portanto, forte caráter instrumental. No entanto, é necessário atentar para o fato de que as avaliações internacionais em larga escala, como o Pisa, focam precisamente sobre tais componentes, além dos relativos às ciências. Tal enfoque diz muito sobre as intenções da reforma, pois traz para o âmbito dessa um elemento importante da Base Nacional Comum Curricular, ou seja, aquele que inspirou uma das facetas de sua constituição, o Common Core, ou Núcleo Comum, defendido por grandes empresários brasileiros participantes do Movimento pela Base Nacional Comum, Núcleo esse que orientou a reforma da educação nacional do governo Obama (Ferretti, 2018).

A partir de uma rápida reflexão sobre o ensino médio atualmente, a sequência de livros que serão analisados são distribuídos pela editora FTD, chamada Ciências Humanas e Aplicadas: História, Ensino Médio. Cada ano do segmento é dividido em

⁴² Em julho de 2024, quando estou trabalhando na redação dessa dissertação, o Congresso Nacional aprovou novas diretrizes para o Ensino Médio. O número de itinerários formativos, as populares "optativas" foram reduzidas. Ver PL N° 5230-23.

dois livros e cada um com seis capítulos. O livros tem o uso de muitas fontes primárias e uma sessão no final de cada capítulo chamada "Diálogos" onde é feita uma reflexão interdisciplinar. Porém, no que tange o uso dos esportes, praticamente não se tem relações. Foram encontradas apenas imagens, mas sem nenhuma reflexão. A principal, no livro dois, relativo ao primeiro ano do ensino médio, na abertura do capítulo nove: O Estado absolutista e mercantilista. Ali há uma imagens da seleção de futebol da Catalunha e há uma pequena reflexão sobre as questões separatista da Espanha, uma vez que o capítulo irá abordar a formação dos Estados Nacionais ibéricos. Veja:

Figura 24 — Páginas do livro da FTD, capítulo 9: Ensino Médio.



Fonte: FTD (2021, p. 88-89).

O presente trabalho não tem a função de supervalorizar o futebol, ou os esportes, como eixo temático único no ensino de história, mas sim exibir as potencialidades do uso das modalidades esportivas, em especial o futebol, para trazer uma relação mais coerente com a realidade do educando, principalmente para aqueles que estão na Educação de Jovens e Adultos. Por isso é importantes dizer que os livros analisados fazer importantes correlações com fatos cotidianos que podem possuir o mesmo sentido de pertencimento, de identidade e de visão da história como algo presente, porém, acredito que o futebol, por ser um esporte que mexe com tantas pessoas no Brasil, poderia causar uma percepção ainda maior

como será trazido no próximo capítulo.

5 PRODUTO FINAL: FUTEBOL, JORNAL E ENSINO DE HISTÓRIA

O produto-final tem como objetivo a elaboração de uma “revista do estudante”, em um modelo de oficina didática⁴³ com a finalidade bem estruturada, clara e coesa para que os educandos reforcem as suas várias valências, como: a oralidade, a capacidade de escrita, a análise crítica e criativa. Essas etapas serão descritas mais adiante.

O formato seguirá o da revista que foi utilizada para análise das fontes, no caso a “Placar”. Assim, haverá uma capa, a contracapa com os títulos dos textos criados pelos estudantes e seus nomes, além do responsável pela edição e pelas artes presentes na revista. As demais páginas serão os textos produzidos.

A metodologia tem uma capacidade criativa grande, pois vai explorar, além da escrita, organização editorial dos estudantes, uma vez que eles decidirão juntos as ordens dos textos sobre os temas; além de explorar a criatividade artística, onde um grupo de estudante será encarregado de ilustrar as reportagens ou fazer a folha de capa da revista.

O modelo tem os educandos e o educador dialogando constantemente e ativamente em todos os processos do produto-final, por isso a definição de oficina didática, pois ela dialoga muito bem com a metodologia ativa. Isso se deve, com a fusão de vários saberes envolvidos: análise de fontes, oralidade e desenvolvimento de textos. As etapas, explorando habilidades diferentes dos educandos, devem ser bem orientadas pelo educador, pois, se esse projeto não tiver coesão, o resultado dos estudantes pode sair da proposta inicial, que é a criação de uma revista.

O somatório desses processos visa que o educando tenha desenvolvido uma análise crítica de como o futebol é apenas uma das expressões culturais que tem influência em processos políticos na sociedade brasileira e que não é apenas um jogo, uma distração ou uma prática esportiva voltada para o lazer ou o corpo.

A proposta metodológica delineada neste trabalho tem como objetivo fornecer aos educadores uma ferramenta prática e efetiva para o desenvolvimento do senso crítico dos estudantes, utilizando reportagens jornalísticas como recurso pedagógico. Inspirada nas ideias de Paulo Freire, essa abordagem enfatiza a importância de uma educação que vai além da mera transmissão de conhecimento, promovendo uma reflexão crítica e dialógica sobre o mundo ao redor. Freire defendia que a educação deve ser um processo ativo e participativo, no qual o educador e o educando se envolvem em um diálogo constante, buscando compreender e transformar a realidade. Assim, a proposta visa capacitar os professores a utilizarem jornais como uma alternativa acessível e engajadora para fomentar a análise crítica e a

43 O conceito de "oficina didática" está dentro da proposta do autor José Carlos Libâneo encontrada no livro "Didática". LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994

consciência social dos alunos.

O uso de jornais como ferramenta educacional permite uma abordagem mais dinâmica e contextualizada do conhecimento, especialmente em ambientes onde o acesso a fontes acadêmicas mais sofisticadas pode ser limitado. Especialistas como Augusto Pereira Marcílio e Tânia Regina de Luca sublinham a relevância de integrar fontes jornalísticas na educação, destacando como essas fontes podem ser usadas para instigar o pensamento crítico e a interpretação reflexiva. Marcílio, por exemplo, enfatiza que a comunicação, mesmo na forma de reportagens, é sempre carregada de intenções e perspectivas, e deve ser analisada criticamente para entender as múltiplas camadas de significado que apresenta (Marcílio, 2022). De Luca contribui com orientações práticas sobre como trabalhar com jornais em sala de aula, incluindo a análise das características materiais e editoriais das publicações (De Luca, 2022).

A metodologia proposta almeja, não apenas a introdução dos alunos ao processo de análise crítica através de reportagens, mas também oferece aos educadores uma estrutura flexível que pode ser adaptada às necessidades específicas de suas turmas. Ao aplicar essa abordagem, os professores são incentivados a estimular debates e reflexões profundas sobre eventos históricos e sociais, como o fenômeno da Democracia Corintiana, abordando diferentes pontos de vista e desenvolvendo a capacidade dos alunos de questionar e interpretar informações. Dessa forma, a proposta se alinha com a visão freiriana de uma educação transformadora, que utiliza o diálogo e a problematização como ferramentas para a construção de um conhecimento mais crítico e consciente.

5.1 O TRABALHO COM JORNAIS

O presente trabalho não pretende trazer discussões específicas sobre o gênero textual "editorial jornalístico" ou "argumentativo/dissertativo", mas sim mostrar como as informações trazidas em um jornal podem contribuir para a formação do senso crítico do educando, principalmente em locais onde o acesso a fontes mais elaboradas, como livros acadêmicos, periódicos, entre outros, nem sempre são acessíveis.

O trabalho com jornais sempre foi uma alternativa que me chama atenção para o trabalho na EJA, mas não apenas nela, pois é possível trazer a informação, conhecimento e desenvolver o senso crítico do estudante sem que ele tenha contato com inúmeras palavras e termos técnicos dos textos acadêmicos ou livros voltados para professores e pesquisadores. Para além disso, mesmo o estudante que não está habituado à leitura diária, os jornais trazem uma estrutura bem mais familiar, pois, nem que seja através dos telejornais, alguma vez na vida deles, houve o

contato com o gênero texto jornalístico. No artigo de Daniel Marcílio, a metodologia de trabalhos com jornais é abordada e serve para balizar a metodologia adotada no produto:

Dentre os sentidos de uma aula de história, pode-se trabalhar com as possibilidades de interpretação das narrativas jornalísticas, estimulando um olhar crítico sobre o que os textos em um jornal divulgam. Não seria o caso de ensinar aos alunos como ler uma fonte de maneira estritamente científica, acadêmica, com referências e citações teóricas, pois o professor de história dificilmente possui a pretensão, ou melhor, a obrigação de transformar os estudantes em pequenos historiadores. Trata-se, de forma mais singela, de instigar nos alunos certa desconfiança quanto ao conteúdo que um documento como um jornal traz, mostrando que houve uma intencionalidade por trás dos arranjos das matérias. Isso, no entanto, não significa que o professor queira comprovar que os jornais ou a mídia não são confiáveis, em uma dicotomia simplista de verdadeiro ou falso. As possibilidades educativas de uma fonte como um jornal apresentam "às novas gerações a complexidade da construção do conhecimento histórico e tira do documento o caráter de prova, desloca o estudante da noção de verdade que utiliza no cotidiano e, sobretudo, permite abordar o relato histórico como uma interpretação" (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p.127 in (Augusto Pereira Marcilio, 2022, p. 9)

Ainda sobre como utilizar os jornais em sala de aula, Marcílio traz a contribuição de Tânia Regina de Luca:

- Encontrar as fontes e constituir uma longa e representativa série.
- Localizar a(s) publicação(ões) na história da imprensa.
- Atentar para as características de ordem material (periodicidade, impressão; papel, uso/ausência de iconografia e de publicidade).
- Assenhorar-se da forma de organização interna do conteúdo.
- Caracterizar o material iconográfico presente, atentando para as opções estéticas e funções cumpridas por ele na publicação.
- Caracterizar o grupo responsável pela publicação.
- Identificar os principais colaboradores.
- Identificar o público a que se destinava.
- Identificar as fontes de receita.
- Analisar todo o material de acordo com a problemática escolhida (LUCA, in Augusto Pereira Marcilio, 2022, p. 10).

Essas práticas servem, para além do uso dos jornais, para a atividade relacionada, e também para que eles possam ter um entendimento de qualquer outro tipo de texto jornalístico quando encontrado em seu cotidiano. Seja nas redes sociais, jornais físicos ou até mesmo telejornais.

A propostas pedagógicas são referenciadas pelas ideias freirianas de educação. Para Paulo Freire, não existe comunicação passiva (FREIRE, 2002, p.67 in Augusto Pereira Marcilio, 2022, p. 14), ou seja, sempre há intenções dos

interlocutores quando estão expondo as suas ideias. Nesse caso, apresentar reportagens contra e a favor a Democracia Corinthiana e a Sócrates, serve para instigar o senso crítico no educando sabendo que existem pontos de vistas diferentes sobre o mesmo personagem, ou sobre o mesmo acontecimento. Para Marcílio:

Toda comunicação é, em certo sentido, uma forma de persuasão. Mesmo que se busque uma neutralidade, cada escolha feita em favor de um tipo de informação é realizada em detrimento de outra. Comunicação, aliás, é um conceito indissociável da proposta de educação cunhada por Paulo Freire. As ideias freirianas defendem a educação como uma empreitada coletiva, que deve incentivar a reflexão crítica (Augusto Pereira Marcilio, 2022, p. 14).

A proposta de trazer os jornais como trabalho de fontes primárias atreladas a metodologia de Paulo Freire não descarta que outros tipos de fontes possam ser usados nesse trabalho. O já citado, anteriormente, documentário "Preto no Branco" sobre a Democracia Corinthiana e trechos das biografias de Sócrates, complementa muito bem a propostas. A ideia é não engessar o produto neste trabalho, mas sim trazer uma proposta que possa ser adaptada a qualquer canto do país, que se adeque à realidade de cada educador e de cada educando, de cada escola, cidade ou comunidade.

No pensamento freiriano, dialética e dialogicidade são um corpo orgânico. Sob essa ótica, é a reflexão sobre a prática social que permite que os homens ajam sobre o mundo e sobre si mesmos e, por consequência, transformem a sua realidade. A dialogicidade é base para esse movimento de despertar da consciência crítica dos sujeitos que se dá por intermédio de uma educação problematizadora, isto é, uma educação que retira o aluno de sua condição de passividade e que rompe com o ato de depositar e transferir saberes. Ao invés disso, a educação verdadeiramente libertadora oferece condições para que o conhecimento seja permanentemente construído pelos sujeitos que se educam reciprocamente, mediatizados pelo mundo (FREIRE in BARBOSA, 2020)

5.2 ETAPAS DO PRODUTO:

Como já destacado, o produto apresenta quatro etapas onde serão colocas de maneira específicas.

Primeira parte é a introdução: nesse primeiro momento, o educador será responsável por trazer a situação do Brasil durante o processo de redemocratização entre a década de 1970 e o final de 1980. Logo depois, começa a ser feita a problematização do conteúdo e o elo com o futebol: "Como a 'Democracia Corinthiana pode refletir e influenciar mudanças sociais e políticas no processo de

Redemocratização no Brasil no final da Década de 1970 e início de 1980?'. É necessário usar materiais palpáveis como um resumo do conteúdo no quadro, ou impresso em folha para que os estudantes tenham esse material com eles, uma vez que o livro didático não é usado na minha realidade.

Segunda parte, a Leitura e Análise das fontes: nesse momento, será feita uma dinâmica onde os estudantes serão divididos em grupo e cada grupo receberá artigos da Revista Placar sobre o tema da Democracia Corinthiana. O material usado é a Revista Placar "Sócrates Eterno"⁴⁴, na qual se encontram dezesseis reportagens sobre o jogador e sua trajetória, entre elas, o envolvimento com a Democracia Corinthiana para que os estudantes entendam o movimento e a figura do principal protagonista do movimento. Primeiro, haverá a leitura dirigida dos artigos selecionados. Para a distribuição da leitura, fica a critério dos números de estudantes, uma vez que as salas da EJA podem ter poucos estudantes. Às vezes, 3 ou 4 reportagens são o suficiente. Nessa etapa, é importante orientar os estudantes a anotarem sobre as reportagens: quem são os autores? Quando foi escrito? Quem foi Sócrates? O que foi a Democracia Corinthiana?

Terceira parte será chamada de "Reflexão e debate": Em uma segunda aula sobre o tema, faça um pequeno debate entre os grupos para que todos estejam cientes de quem são esses personagens e o que foi a Democracia Corinthiana. É importante que os estudantes tenham voz e consigam expor as suas impressões o que foi esse processo e como o futebol teve a sua parcela de envolvimento. O objetivo é trazer respostas, ou outras reflexões, sobre a problematização inicial.

Quarta parte, a conclusão elaborando a "Revista dos Estudantes": para finalizar, em um terceiro tempo, os estudantes colocarão as suas reflexões no papel. Os grupos são divididos em subtemas, como: "O que foi a Democracia Corinthiana?", "Qual o papel do jogador Sócrates?", "Existe impacto da Democracia Corinthiana na política?", "O movimento foi bem-sucedido?". Além disso, haverá um grupo para fazer a "edição da revista" (como citado na introdução do produto) e um grupo responsável por fazer a arte da revista, em que a parte artística e criativa dos educandos serão amplamente exploradas. As reflexões feitas serão compiladas em um formato de revista, e serão produzidas de maneira semelhante as que foram lidas na Revista Placar.

A ideia do produto é permitir que os estudantes produzam suas próprias análises críticas entre a relação do futebol, mais especificamente a Democracia Corinthiana, e a política do Brasil em período conturbado.

Além da avaliação da análise crítica pertencente nos textos que irão compor a revista, é necessário que o educador avalie todo o processo de construção da

44 Ver: REVISTA Placar, São Paulo, v. 1361, 2011. 68 p. Sócrates Eterno. Disponível em: https://issuu.com/placar/docs/socrates_1. Acesso em: 30 jul. 2024,

oficina didática, a participação na análise das fontes, nos debates sobre os temas e nas escritas. Não é um produto que propõe explorar a competência de uma pergunta e resposta direta e objetiva, mas sim todo um processo de construção do senso crítico. Não existe uma resposta correta, ou um texto, mas sim a análise dos estudantes sobre o período histórico e a utilização futebol como uma expressão cultural que não esteja voltada apenas para o lazer.

6 CONCLUSÃO

O futebol, mais do que um simples esporte, reflete e influencia diversos aspectos sociais e culturais, e sua integração, no ensino de história e na educação de jovens e adultos, oferece um panorama rico e multidimensional para a análise e compreensão da sociedade. A experiência vivida pela Democracia Corinthiana na década de 1980 exemplifica como o esporte pode transcender os limites do campo e se tornar um veículo de transformação social e política. A interseção entre o futebol e a educação revela como essa paixão popular pode servir de ferramenta educativa, promovendo o engajamento e a reflexão crítica sobre temas essenciais como cidadania, direitos e a própria história do Brasil.

A Democracia Corinthiana, movimento liderado por jogadores do Corinthians, como Sócrates, Casagrande e Wladimir, foi um marco na história do futebol brasileiro e nacional. Em um período de regime militar, o movimento não só questionou a hierarquia tradicional dentro dos clubes de futebol, mas também desafiou as normas sociais e políticas vigentes. A gestão democrática e participativa dentro do Corinthians não se restringiu apenas ao clube; ela refletiu um desejo mais amplo de mudança e uma busca por maior liberdade e igualdade na sociedade. Para muitos jogadores e torcedores, a Democracia Corinthiana foi um exemplo de como a coletividade pode superar a opressão e influenciar mudanças significativas.

Ao integrar o futebol e a Democracia Corinthiana no ensino de história, os educadores têm a oportunidade de explorar questões complexas e estimular a análise crítica entre os alunos. A narrativa da Democracia Corinthiana pode servir como um ponto de partida para discussões sobre o papel do esporte na política e na sociedade, além de promover uma compreensão mais profunda da era militar e dos desafios enfrentados pela população brasileira. O futebol, nesse contexto, não é apenas uma prática esportiva, mas um reflexo das dinâmicas sociais e políticas, proporcionando uma maneira envolvente e acessível de aprender sobre a história.

No campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o futebol pode desempenhar um papel particularmente significativo. Para muitos alunos da EJA, o esporte é uma paixão comum que pode ser utilizada para construir pontes entre a experiência cotidiana e o conteúdo curricular. A inclusão de temas relacionados ao futebol nas aulas de história e em outras disciplinas pode tornar o aprendizado mais relevante e motivador. Por exemplo, ao estudar a Democracia Corinthiana, os alunos podem explorar como as ideais democráticas e a participação cidadã se manifestam no contexto esportivo e, por extensão, na vida cotidiana.

Além disso, a prática do futebol pode oferecer oportunidades para o desenvolvimento de habilidades sociais e pessoais, tais como trabalho em equipe,

liderança e resiliência, que são valiosas tanto dentro quanto fora da sala de aula. Ao conectar o futebol com a história e a educação, os educadores podem criar um ambiente de aprendizado mais dinâmico e inclusivo, incentivando os alunos a refletir sobre suas próprias experiências e a entender melhor o papel que podem desempenhar na sociedade.

Em conclusão, a interseção entre o futebol, o ensino de história, a Democracia Corinthiana e a Educação de Jovens e Adultos demonstra como o esporte pode ser um instrumento poderoso para a educação e a transformação social. Ao aproveitar a paixão e o engajamento que o futebol provoca, é possível promover um aprendizado mais profundo e significativo, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos e participativos. O legado da Democracia Corinthiana ilustra a capacidade do futebol de inspirar mudanças e refletir as aspirações sociais, mostrando que, quando integrado de maneira inteligente e reflexiva, o esporte pode desempenhar um papel fundamental na educação e no desenvolvimento pessoal e comunitário.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Mauad Editora Ltda, v. 1, f. 140, 2001. 280 p.
- AGÊNCIA Brasil. São Paulo, 2024. Geral. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-01/comicio-simbolo-das-diretas-ja-completa-40-anos>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- AOKI, Virgínia. **EJA Moderna**. São Paulo: Moderna, v. 7, 2013.
- ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. Leya, v. 2, 2017.
- ARROYO, Miguel G.. **Currículo, território em disputa**. Editora Vozes Limitada, v. 3, f. 238, 2014. 475 p.
- AUGUSTO PEREIRA MARCILIO, Daniel. **ENSINO DE HISTÓRIA COM O USO DE JORNAIS**: Abordagens para uma Educação Patrimonial Emancipadora. Revista Especialidades. 2022. 18 p. Disponível em: https://www.perspectivas2020.abeh.org.br/resources/anais/19/epreh2020/1605462140_ARQUIVO_70150c57694a34627f2e6f9e8ac44d4e.pdf. Acesso em: 27 out. 2024.
- BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Revista Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, ago 2001. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5706220/mod_resource/content/1/Pesq_ação_metodologia_conhecer_agir.pdf . Acesso em: 3 ago. 2023.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história**: fundamentos e métodos, f. 204. 2004. 408 p.
- BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**, f. 104. 2008. 207 p.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Ofício, de 16 de dezembro de 2020. Jornal. Manifestação contrária ao Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE), que estabelece o “Alinhamento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) às diretrizes apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e outras legislações relativas à modalidade, Brasília , 17 de dezembro de 2020, ano 2020. Disponível em: <http://forumeja.org.br/rj/sites/forumeja.org.br.rj/files/Ofício%20CNE%2012-2020.pdf>. Acesso em: 27 out. 2024.
- BRASIL. **Constituição**. República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF. Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 23 ago. 2023.
- BRASIL. Lei n. 9394, de 19 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**.
- BRASIL. Ministério da Educação. Parecer, de 08 de junho de 2000. **Diário Oficial da União**

, 19 de julho de 2000, ano 2000. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf. Acesso em: 27 out. 2024.

CAL, Rafael; MATEUS ANTUNES DOS SANTOS FREIBERG, Rafaela; RIBEIRO LIMA, Tassia. **PH: 6º Ano. 2ª ed.** São Paulo: SOMOS Educação, 2024.

CANO, Márcio Rogério (Org.). **A Reflexão e a prática do ensino.** São Paulo: Blucher, 2012.

CAPUCHO, Vera. **Educação de jovens e adultos: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania.** 2016.

COBOS, Paulo. **Sócrates e Casão foram 'fichados' pela Ditadura.** ESPN. 2013. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/320016_socrates-e-casao-foram-fichados-pela-ditadura. Acesso em: 22 jul. 2024.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Saiba quantas medalhas o Brasil tem na história dos Jogos Paralímpicos.** Comitê Paralímpico Brasileiro. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://cpb.org.br/noticias/saiba-quantas-medalhas-o-brasil-tem-na-historia-dos-jogos-paralimpicos/#:~:text=Na%20última%20edição%2C%20Tóquio%202020,nos%20Jogos%20do%20Rio%202016..> Acesso em: 18 jul. 2024.

COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO. **Saiba quantas medalhas o Brasil tem na história dos Jogos Paralímpicos.** Comitê Paralímpico Brasileiro. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://cpb.org.br/noticias/saiba-quantas-medalhas-o-brasil-tem-na-historia-dos-jogos-paralimpicos/#:~:text=Na%20última%20edição%2C%20Tóquio%202020,nos%20Jogos%20do%20Rio%202016..> Acesso em: 27 out. 2024.

CORTI, Ana Paula *et al.* **Tempo, Espaço e Cultura: Ciências Humanas.** 1 ed. São Paulo: Global, 2013. (Viver e Aprender).

DIAS, Luiz Antônio ; CUCIOL DA SILVA FARINA, Michelle . **PRETO NO BRANCO: a Democracia Corintiana nas páginas do Jornal Folha de São Paulo.** Ludopédio. Rio de Janeiro, 2016, p. 1-21. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/preto-no-branco-a-democracia-corintiana-nas-paginas-do-jornal-folha-de-sao-paulo/>. Acesso em: 27 out. 2024.

DOWNIE, Andrew. **Doctor Socrates: Footballer, Philosopher, Legend.** Simon and Schuster, v. 2, f. 238, 2017. 475 p.

DRUMOND, Marcelo. Vargas, Perón e o esporte: : propaganda política e a imagem da nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 398-421, julho 2009.

DRUMOND, Maurício. **Nações em Jogo: o esporte a propaganda política em Vargas e Perón.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

FERRETI, Celso João. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 25-42, Maio 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/RKF694QXnBFGgJ78s8Pmp5x/?lang=pt#ModalHowcite>. Acesso em: 21 jul. 2024.

FICO, Carlos. **História do Brasil contemporâneo**: da morte de Vargas aos dias atuais, f. 80. 2014. 160 p.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Papirus Editora, v. 1, f. 92, 1992. 184 p.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar história**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia (Edição especial)**. Paz e Terra, v. 3, f. 94, 2021. 188 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da libertação em Paulo Freire**. Editora Paz e Terra, v. 3, f. 147, 2018. 294 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, v. 3, f. 138, 2014. 275 p.

FRIEDRICH, Márcia *et al.* Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. **Ensaio: aval. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/VCpG4Tr5KBvNkfdXj5ShtZG/?format=pdf>. Acesso em: 23 jul. 2024.

FTD. **Ciências Humanas e Aplicadas**: História - Ensino Médio. 2ª ed. São Paulo: FTD, v. 9, 2021, p. 88-89.

GUTERMAN, Marcos. **Médici e o Futebol**: A utilização do esporte mais popular do Brasil pelo Governo mais brutal do Regime Militar. São Paulo, v. 29, 2004. (Projeto História).

HISTÓRIA do Brasil contemporâneo: da morte de Vargas aos dias atuais, f. 80. 2014. 160 p.

HISTÓRIA do Brasil contemporâneo: da morte de Vargas aos dias atuais, f. 80. 2014. 160 p.

HOBSBAWM, Eric J.. **Nações e nacionalismo desde 1780**. 2012.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. Cortez Editora, v. 3, f. 144, 2017. 288 p.

LIMA, Gercileide da Costa *et al.* EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES E INTERVENÇÕES. **REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR NÚCLEO DO CONHECIMENTO**, 28 09 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/reflexoes-e-intervencoes>. Acesso em: 27 out. 2024.

MACHADO DIAS, Adriana; GRINBERG, Keila; PELEGRINI, Marco. **Jovem Sapiens: História**. 1ª ed. São Paulo: Scipione, 2022. (7º Ano).

MACHADO DIAS, Adriana; GRINBERG, Keila; PELEGRINI, Marco. **Jovens Sapiens** : História. 1ª ed. São Paulo: Scipione, 2022. (6º Ano).

MACHADO DIAS, Adriana; GRINBERG, Keila; PELEGRINI, Marco. **Jovens Sapiens: História**. 1ª ed. São Paulo: Scipione, 2022. (8º Ano).

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Futebol em tempos de ditadura civil-militar**: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. São Paulo, 2011.

MARTINS, Mariana Zuaneti; REIS, Heloisa Helana Baldy. Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 429-440, 2014.

MEMÓRIAS do Chumbo: O futebol nos tempos do Condor. Lúcio de Castro. ESPN, 2012. Documentário.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Ministério da Educação . Base Nacional Curricular Comum.

O GLOBO. **Copa do Mundo Feminina atinge recorde de público total nos estádios**. oglobo.com. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2023/08/06/copa-do-mundo-feminina-atinge-recorde-de-publico-total-nos-estadios.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2024.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educacao popular e educacao de adultos**. São Paulo: Loyola, 1987.

PAULA, Cláudia Regina de; OLIVEIRA, Márcia Cristina de . **Educação de jovens e adultos**: a educação ao longo da vida. Curitiba : Ibpx, 2010.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938, f. 190. 1999. 380 p.

PLATÃO, Platão. **Apologia de Socrates**. Tradução Maria Lacerda de Souza. 1960. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/270801/mod_resource/content/1/platao%20a%20pologia%20de%20socrates.pdf. Acesso em: 22 jul. 2024.

RESENDE, Ana Carolina Costa; CASSAB, Mariana. A CONSTRUÇÃO CURRICULAR DE UMA EDUCADORA DE CIÊNCIAS NA EJA: COMO A PRESENÇA DOS JOVENS AFETA A SUA PRÁTICA?. **Ens. Pesq. Educ. Ciênc.**, v. 23, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-21172021230106>.. Acesso em: 27 out. 2024.

REVISTA Placar, São Paulo, v. 1361, 2011. 68 p. Sócrates Eterno. Disponível em: https://issuu.com/placar/docs/socrates_1. Acesso em: 27 out. 2024.

SANTOS, Daniel de Araújo. **Futebol e política**: a criação do campeonato nacional

de clubes de futebol. Rio de Janeiro, f. 150, 2012 Dissertação (História e Cultura Contemporânea) - Fundação Getúlio Vargas.

SCHERER NEVES DA ROCHA, Fernanda *et al.* **PH: 8º Ano. 2ª ed.** São Paulo: SOMOS Sistema de Ensino, 2020.

SCHERER NEVES DA ROCHA, Fernanda *et al.* **PH: 9º Ano. 2ª ed.** São Paulo: SOMOS Sistema de Ensino, 2020. 168 p.

SCORTEGAGNA, Paola Andressa; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Educação de Jovens e Adultos no Brasil: Uma Análise Histórico-Crítica. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 5, n. 2, nov 2006. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/eja-no-brasil>. Acesso em: 18 mai. 2024.

VAINFAS, Ronaldo *et al.* **História.doc 6o ano. 3 ed.** 2022.

VAINFAS, Ronaldo *et al.* **História.doc 9o ano. 3 ed.** 2022.

GLOSSÁRIO

Expressão

Descrição

APÊNDICE A — SUBTÍTULO DO APÊNDICE

Apêndices tem objetivo de melhorar a compreensão textual, ou seja, completar ideias desenvolvidas no decorrer do trabalho.

ANEXO A — SUBTÍTULO DO ANEXO

Anexos são elementos que dão suporte ao texto, mas que não foram elaborados pelo autor.